

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA LITORAL NORTE/OSÓRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

BRENDA FERRAZ VITKOSKI

**INTEGRANDO MOVIMENTO E APRENDIZADO: O PAPEL DA EDUCAÇÃO
FÍSICA NA ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE OSÓRIO**

OSÓRIO

2024

BRENDA FERRAZ VITKOSKI

**INTEGRANDO MOVIMENTO E APRENDIZADO: O PAPEL DA EDUCAÇÃO
FÍSICA NA ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE OSÓRIO**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profº. Drº. Leandro Forell

OSÓRIO

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V844i Vitkoski, Brenda Ferraz

Integrando movimento e aprendizado: o papel da Educação Física na alfabetização em uma escola no município de Osório / Brenda Ferraz Vitkoski; orientação: Prof.º Dr.º Leandro Forell. - Osório/RS, 2024.

53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Pedagogia (Licenciatura), Osório/RS, 2024.

1. Educação Física. 2. Alfabetização. 3. Práticas pedagógicas. 4. Ensino Fundamental. I. Forell, Leandro. II. Título.

BRENDA FERRAZ VITKOSKI

INTEGRANDO MOVIMENTO E APRENDIZADO: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE OSÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof.º Dr. Leandro Forell

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.º Dr. Leandro Forell
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof.ª Dr.ª Fabiana Gazzotti Mayboroda
Centro Universitário Cenecista de Osório - UNICNEC

Prof.ª Gabriele Glaeser Zimmermann
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meus pais, Tatiani Ferraz da Silva Vitkoski e Gerson Mota Vitkoski, por não medirem esforços, me incentivando e apoiando durante a escolha e realização dessa graduação. Por me escutarem, aconselharem e compreenderem quando minha presença não se fez presente, mas vibraram comigo em tantos outros momentos.

Ao meu avô, Edeni Vitkoski (*in memoriam*), que sempre me apoiou e incentivou durante o início da graduação, mas não pode estar aqui até o final, sua presença e palavras se fazem presente em todos os momentos, pois não irei esquecer quando disse “minha neta é professora”.

Ao meu namorado, Nicolas Marino Barbieri, por me acompanhar e auxiliar nos diversos momentos, nas noites destinadas às escritas, nos auxílios dos trabalhos, me incentivando quando os desafios se faziam presentes.

A minha dupla, Mariana Gil de Oliveira Guimarães, por estar ao meu lado durante esta trajetória, compartilhando angústias, nervosismos e alegrias. Obrigada pelas trocas diárias, apoio e momentos partilhados, para além dos momentos acadêmicos, mas também pessoais.

Por fim, ao meu orientador Prof.º Dr.º Leandro Forell, pelo incentivo na escolha do tema, pelas orientações e direcionamentos que nortearam a realização dessa pesquisa.

*“Ninguém é tão grande que não possa aprender,
nem tão pequeno que não possa ensinar”.*

(Esopo)

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresenta-se as possíveis articulações que podem ser realizadas entre a Educação Física e a Alfabetização, deste modo, o objetivo deste estudo é compreender como a Educação Física se aproxima da Alfabetização em uma escola no município de Osório – RS. Para isso, adotou-se como metodologia qualitativa, descritiva e exploratória quanto aos seus objetivos, a partir da realização de um entrevista semiestruturada, contendo 11 perguntas, as quais foram realizadas com seis professoras alfabetizadoras. A análise baseou-se nas narrativas das docentes e nas inter-relações estabelecidas com as categorias de análise, relacionando seus relatos a períodos históricos e concepções sociais. As narrativas das professoras indicaram diferenças geracionais e expectativas baseadas em experiências criadas com turmas anteriores, destacando em suas falas a importância de as crianças organizarem seus espaços e corpos para, posteriormente, se organizarem em espaços menores, como em seus cadernos, ressaltando a necessidade do domínio corporal para a aquisição e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Evidencia-se, portanto, que a Alfabetização não se resume apenas a um processo cognitivo, mas também, envolve aspectos corporais e sociais. Assim, é crucial que os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental incorporem práticas de Educação Física em seus planejamentos, reconhecendo sua relevância para o desenvolvimento integral das crianças e, por conseguinte, para o sucesso no processo de alfabetização.

Palavras Chaves: Educação Física; Alfabetização; Práticas Pedagógicas; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC) the possible articulations between Physical Education and Literacy are presented. Thus, the objective of this study is to understand how Physical Education approaches Literacy in a school in the municipality of Osório – RS. For this, a qualitative, descriptive, and exploratory methodology was adopted regarding its objectives, based on a semi-structured interview, containing 11 questions, conducted with six literacy teachers. The analysis was based on the narratives of the teachers and the interrelations established with the analysis categories, relating their accounts to historical periods and social conceptions. The teachers' narratives indicated generational differences and expectations based on experiences created with previous classes, highlighting in their speeches the importance of children organizing their spaces and bodies to later organize themselves in smaller spaces, such as in their notebooks, emphasizing the need for body control for the acquisition and development of reading and writing skills. Therefore, it is evident that Literacy is not only a cognitive process but also involves bodily and social aspects. Thus, it is crucial that teachers of the early years of Elementary School incorporate Physical Education practices into their planning, recognizing its relevance for the integral development of children and, consequently, for the success in the literacy process.

Keywords: Physical Education; Literacy; Pedagogical Practices; Elementary Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RS – Rio Grande do Sul

CME – Conselho Municipal de Educação do Município de Osório

PPP – Projeto Político Pedagógico

DCMO – Documento Curricular do Município de Osório

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

RCG – Referencial Curricular Gaúcho

CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

EF – Educação Física

UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

ZDR – Zona de Desenvolvimento Real

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA.....	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	13
3.2 DEBATE ACADÊMICO SOBRE O TEMA	15
3.3 DESCRIÇÃO DA TEORIA ANALÍTICA	18
4 ANÁLISE REFLEXIVA	25
4.1 CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO	25
4.2 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS	31
4.3 AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E ALFABETIZAÇÃO	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A – Guia De Entrevista Semiestruturada.....	46
APÊNDICE B – Transcrição da Entrevista	47
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	53

1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), pude vivenciar diferentes experiências que contribuíram com a minha graduação, durante os quatro anos e meio de curso, pude participar de duas bolsas de extensão que não se relacionavam diretamente com a docência.

Entretanto, ao final do ano de 2022, ainda participando de uma bolsa de extensão, publicou-se o edital para seleção da Residência Pedagógica, ao surgir essa oportunidade, me inscrevi e fui selecionada para ingressar no programa. Ao qual, aproxima os estudantes do curso ao cotidiano escolar, possibilitando assim, que eu realizasse um plano de aula, uma vez por semana, em uma turma de primeiro ano, durante os dezoito meses dessa trajetória.

Ao longo da residência, e de outras atividades desenvolvidas na graduação, pude aproximar teoria e prática, relacionando diretamente o que vivenciamos no curso com a realidade escolar, ao qual estava inserida. Nesse contexto, percebi que as atividades físicas, além de promoverem o desenvolvimento físico, têm um impacto significativo no processo de alfabetização, ao refletir sobre os modos de como eram realizadas as práticas de Educação Física na escola em que realizava a residência. Deste modo, com esta pesquisa, espero contribuir para a formação de professores, mostrando como a integração da Educação Física pode facilitar e tornar o processo de alfabetização mais dinâmico e eficaz.

Pois, a educação desempenha um papel crucial na formação integral dos estudantes. Dentro desse contexto, a Educação Física mostra-se como uma área significativa, não apenas pelo desenvolvimento corporal, mas também pelo potencial de contribuir em diferentes aspectos, assim como a Alfabetização. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo compreender como a Educação Física se aproxima da alfabetização em uma escola no município de Osório, Rio Grande do Sul.

A investigação focará na análise da inter-relação entre a Educação Física e a Alfabetização no ciclo alfabetizador¹ dos anos iniciais do Ensino Fundamental, destacando as concepções de educação e alfabetização, bem como a concepção de Educação Física nos anos iniciais e as formas como essas duas áreas interagem no ambiente escolar.

Academicamente, esse estudo se justifica pela necessidade de ampliar o conhecimento sobre as práticas pedagógicas estarem integradas entre si. Essa pesquisa busca investigar e explorar as

¹ Ciclo Alfabetizar compreende os três primeiros anos do Ensino Fundamental, conforme Resolução nº 7, de 14 de Dezembro de 2010, apresenta o “Art. 30 Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar: I – a alfabetização e o letramento”.

estratégias educativas com o objetivo de proporcionar um desenvolvimento integral e pleno das crianças, abrangendo diferentes aspectos, como o cognitivo, emocional, social e físico. Socialmente, a relevância do estudo se baseia no potencial impacto positivo que uma abordagem integrada pode ter no desempenho acadêmico e na formação cidadã dos estudantes. Pois compreende-se que

[...] um processo educacional intencional, ele envolve escolhas por parte dos educadores. Daí o fato de a educação escolar nunca ser neutra. E como está relacionada à “formação” de pessoas para viverem em uma sociedade, ela é política. Ela é uma forma de intervenção intencional na maneira de funcionar da sociedade, porque procura influenciar algumas formas de ser dos educandos que são julgadas “convenientes” para a sociedade na qual a educação escolar está inserida (Lorieri, 2006, p. 91 *apud*. Chisté; Sgarbi, 2015, p. 88-89).

Para isso, foi conduzida uma análise detalhada das práticas pedagógicas e das interações entre as duas áreas, Educação Física e Alfabetização, investigando como a Educação Física pode auxiliar no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, explorando e refletindo sobre as concepções presentes nos relatos das práticas pedagógicas das docentes entrevistadas.

Deste modo, o trabalho está organizado da seguinte forma, inicia-se com a metodologia, na sequência apresenta o referencial teórico, ao qual subdivide-se em contextualização do local da pesquisa, debate acadêmico sobre o tema e descrição da teoria analítica, posteriormente apresenta-se a análise reflexiva, ao qual conta com três categorias, sendo elas: concepções de educação e Alfabetização, concepção de Educação Física nos anos iniciais e as relações entre Educação Física e Alfabetização, e por fim, as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Referente a abordagem deste trabalho, essa é uma pesquisa qualitativa, sendo uma pesquisa descritiva e exploratória quanto aos seus objetivos. Sobre os procedimentos metodológicos, “estes incluem tantos tipos de pesquisa quanto as técnicas de coleta e análise de dados. Também incluem os procedimentos éticos para pesquisas que envolvem seres humanos. Indicam como realizar a pesquisa, especificando suas etapas e os procedimentos que serão adotados em cada uma delas” (Gerhardt *et al.*, 2009, p. 69).

A abordagem qualitativa nos permite compreender uma trajetória que por muitas vezes não ficam evidentes em dados quantitativos, pois nos possibilita interpretações mais subjetivas, como sensações, opiniões, sentimentos e percepções, pois

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21-22).

Os objetivos determinam o caráter da pesquisa, podendo ser categorizada como exploratória, descritiva ou explicativa. Nesse sentido, por essa se enquadrar como uma pesquisa exploratória e descritiva, busquei compreender o fenômeno em questão, mas também, a maneira que e porque ocorre, estabelecendo relações entre as possíveis variáveis (Gerhardt *et al.*, 2009).

A pesquisa ocorreu em uma escola municipal situada em Osório, Rio Grande do Sul, com seis professoras alfabetizadoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, destas duas eram professoras do 1º ano, essas denominadas como Professora A e Professora B, duas eram docentes do 2º ano, denominadas como Professora C e Professora D, e duas eram professoras referência no 3º ano, intituladas como Professora E e Professora F. O instrumento para a coleta dos materiais sucedeu-se a partir de uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) com 11 (onze) perguntas para cada uma das professoras. Desta maneira, conforme Gerhardt *et al.* (2009, p. 74), a entrevista se “constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação”.

Ainda segundo os autores supracitados, em uma entrevista semiestruturada “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (Gerhardt *et al.*, 2009, p. 74). Pois, ao utilizar esse instrumento,

permite-se uma organização do roteiro, incentivando que o entrevistado desdobre seus comentários referente o assunto.

A pesquisa ocorreu de forma presencial em uma sala disponibilizada pela escola e para o registro foi utilizado gravadores, permitindo assim, que a pesquisadora transcrevesse as respostas das entrevistadas. Posteriormente, as respostas transcritas, foram apresentadas as entrevistadas para que às validassem, ao qual puderam retirar, acrescentar ou modificar qualquer uma de suas falas. Ao final da validação da transcrição, as gravações foram inutilizadas pela graduanda.

Para a participação nessa pesquisa, todos os participantes preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO A), dando seu consentimento para uso de dados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A análise das informações se deu a partir das narrativas recorrentes das professoras durante a entrevista, bem como a proximidade de suas falas com os assuntos abordados nas categorias de análise.

Ao qual, “segundo Minayo (2007), análise do discurso situa-se ao mesmo tempo em uma apropriação da linguística tradicional e da análise de conteúdo, bem como na crítica dessas abordagens, evidenciando que elas são práticas-teóricas historicamente definidas” (Gerhardt *et al.*, 2009, p. 87). Porquanto, a pesquisa qualitativa com a análise reflexiva é primordial para a área educacional, sobretudo, ao enfatizar as relações entre Alfabetização e Educação Física, pois possibilita uma compreensão das experiências, percepções e práticas dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Ao utilizar essa abordagem, é possível depreender como os conceitos de alfabetização são integrados aos conceitos como o corpo e movimento, nas atividades físicas, bem como, evidencia as percepções dos educadores referente aos temas salientados. Deste modo, é possível fomentar estratégias pedagógicas que valorizem a integração dessas áreas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A pesquisa foi realizada no município de Osório, localizada no Litoral Norte do Rio Grande do Sul (RS), ao qual o sistema de ensino é normatizado pelo Conselho Municipal de Educação do Município de Osório (CME) criado através da Lei nº 2336 de abril de 1991. Possuindo atualmente, 34 escolas públicas, sendo 25 municipais, das quais duas são de Ensino Fundamental, 12 municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental e 11 de Educação Infantil, dessas, nove são escolas estaduais, sendo uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, três escolas estaduais de Ensino Fundamental, três escolas estaduais de Ensino Fundamental e Ensino Médio, e, duas de Ensino Médio².

Neste sentido, a escola que foi realizada a pesquisa, é uma escola municipal que contempla a Educação Infantil (apenas a pré-escola II) e o Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano), ao qual, segundo seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a comunidade que está inserida “a maioria da população vive em vulnerabilidade social e renda baixa, o que leva muitas pessoas a priorizar o trabalho e não os estudos” (Osório, 2020, p. 4). Em relação aos aspectos físicos, de acordo com seu Regimento Escolar, a escola possui uma

secretaria, sala da direção, sala de supervisão, sala de orientação, sala de professores, depósito, sala para acondicionar produtos de limpeza, doze salas de aula, sendo que quatro possuem sanitários. Existem dois sanitários externos divididos em masculino e feminino. A Escola possui área interna para recreio, uma cancha de esportes e uma peça para acondicionar materiais de educação física (Osório, 2023, p. 31).

Desta forma, como expressa em seus documentos norteadores, a escola respalda seu currículo pelo Documento Curricular do Município de Osório (DCMO) que está estruturado em 18 cadernos Pedagógicos, se organizando entre a Educação Infantil e Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, propostas estas que estão pautadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Referencial Curricular Gaúcho (RCG).

Sendo o Ensino Fundamental uma ampliação das experiências construídas na Educação Infantil, a escola deve promover e incentivar aos estudantes novas aprendizagens, as quais deverão ocorrer por meio das dez competências gerais da educação básica explicitadas na BNCC, destacando-se neste sentido que a criança deve

² Dados contemplados do site: https://www.estadosecidades.com.br/rs/osorio-rs_escolas.html

utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2018, p. 9).

Como já supracitado, a escola é um ambiente ao qual as crianças poderão ampliar seu repertório, expressando-se e compartilhando saberes, utilizando-se de múltiplas linguagens e do repertório que já possuem, buscando diferentes formas de se expressarem, tanto oralmente quanto corporalmente.

Tendo isto em vista, como exposto no documento municipal, o letramento precede a alfabetização, pois antes mesmo de codificar ou decodificar o grafema, a criança realiza a leitura de mundo, mas é no processo de alfabetização que se desenvolve a habilidade de ler e escrever de acordo com as regras ortográficas e com as convenções da língua escrita.

É neste sentido, que a BNCC aponta que o foco da ação pedagógica nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental deve ser a alfabetização, buscando assim que os estudantes possam se apropriar do sistema de escrita alfabética, desenvolvendo a leitura e a escrita (Brasil, 2018, p. 59). É a partir do terceiro ano que “deverá ocorrer, com a consolidação das aprendizagens adquiridas nos dois anos iniciais, a ampliação da fluência da leitura e da escrita dos estudantes. Desta forma, deve-se ampliar, gradativamente, a complexidade das tarefas, respeitando e contribuindo para o desenvolvimento de suas competências” (Osório, 2019, p. 15). Para tanto, é necessário que durante este processo os estudantes conheçam o alfabeto e estabeleçam relações entre os sons da língua (fonema) e as sistema da escrita (grafema), desenvolvendo assim a consciência fonológica.

Por conseguinte, a alfabetização sendo uma prática social, ela ocorre através de diversos processos de ensino e aprendizagem no ambiente escolar, pois “é necessário considerar que participamos cotidianamente de um conjunto de situações que implicam, contextualmente, falar, ouvir, escrever e ler, ou seja, nos engajamos em atividades permeadas e tecidas por práticas de linguagem” (Osório, 2019, p. 23). Desta maneira, considerando que tais práticas ocorrem a partir de diferentes linguagens, seja essa verbal ou até mesmo corporal, é através destas práticas que ocorre as interações entre os sujeitos, ao qual estão rodeados de saberes construídos em diferentes meios.

O documento referenciado, apresenta ainda na Área de Linguagens, que a Educação Física é tida como

o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história (Brasil, 2018, p. 213).

Dessa maneira, os documentos oficiais, em sincronia, apresentam a Educação Física como um espaço para enriquecer as experiências dos estudantes através das diferentes práticas corporais que podem ser propostas em que

a vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento (Brasil, 2018, p. 214).

Assim, é posposto seis unidades temáticas para o componente de Educação Física, que devem ser abordadas ao longo do Ensino Fundamental, sendo estas as brincadeiras e jogos, os esportes, as ginásticas, as danças, as lutas e as práticas corporais de aventura, entretanto, essa última mencionada não é explorada na etapa dos Anos Iniciais, somente a partir do sexto ano do Ensino Fundamental. Desse modo, de acordo com o DCMO,

ao brincar, dançar, jogar, praticar esportes, ginásticas ou atividade de aventura, para além da ludicidade, os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemática de funcionamento, organização, táticas etc.) a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos (Osório, 2019, p.65).

Tais propostas devem ser pensadas e articuladas de modo a valorizar as experiências pessoais e individuais das crianças de modo coletivo, buscando articular com as características da comunidade local ao qual a escola está inserida, possibilitando o reconhecimento e a problematização da compreensão de mundo, de forma a fortalecer as vivências da vida social destes estudantes. Nesse sentido, a Educação Física vai além de apenas práticas corporais, pois ela “pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos, ao criar oportunidades e contextos para ler e produzir textos que focalizem as distintas experiências e vivências nas práticas corporais tematizadas” (Brasil, 2018, p. 224). Isso posto, é papel dos professores articularem práticas que se pautem no diálogo, não somente visando metodologias prontas e generalistas para todas as crianças, mas buscando se adequar a realidade local.

3.2 DEBATE ACADÊMICO SOBRE O TEMA

Como ponto de partida para esta pesquisa iniciou-se uma busca de pesquisas realizadas anteriormente, buscando encontrar pontos que aproximassem ou se distanciassem em relação a temática e o objetivo desta pesquisa. Neste sentido, pouco material foi encontrado em relação a busca das duas áreas envolvidas, Educação Física e Alfabetização.

As pesquisas se concentraram em uma fase inicial, nos Anais do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), posteriormente ampliou-se a busca para o Portal de Periódicos da Capes e o Banco de Teses e Dissertações da Capes.

A dissertação “Professores de Educação Física e Professores Alfabetizadores: entre diálogos e saberes” de Vinotti (2011) têm como objetivo geral compreender as interfaces dos diferentes saberes docentes que circulam nos anos iniciais no que se refere à alfabetização e à Educação Física, analisando a relação entre a alfabetização e a Educação Física presente nos discursos dos professores. Para isto realizou-se entrevistas narrativas com dez professores efetivos da rede estadual do Estado de Santa Catarina. A partir da análise de suas entrevistas, o autor apresenta em sua conclusão um desejo de maior aproximação entre as áreas, Educação Física e Alfabetização, pois pode-se notar nos discursos dos entrevistados uma vontade de um trabalho em conjunto, que muitas vezes não se efetiva na prática, mas ao qual se assemelha em suas falas.

O artigo “O trabalho com as estruturas psicomotoras nas aulas de Educação Física e suas contribuições para a Alfabetização: a percepção de professores” de Antunes, Mendonça, Silva e Pinto (2015) objetivou investigar as contribuições que a Educação Física pode oferecer ao processo de alfabetização de alunos do Ensino Fundamental, a partir da perspectiva dos professores de Educação Física, de como se dá a articulação entre estes professores e os titulares da turma. Desta forma, esta pesquisa se constitui sendo uma pesquisa de campo, realizada com 30 professores de Educação Física de 14 escolas privadas do município do Rio de Janeiro (RJ) através de um questionário com nove questões, buscando responder a três questionamentos centrais, (I) de que forma o professor de Educação Física pode atuar junto a outros professores potencializando a alfabetização; (II) como as aulas de Educação Física se relacionam com a alfabetização e (III) como se dá a sua participação nas reuniões pedagógicas que têm como foco a alfabetização. Os resultados, apresentados pelos autores, apontam que os professores de Educação Física compreendem que este componente pode auxiliar os alunos na fase de alfabetização, embora deixem evidente que não sabem como fazê-lo, ainda é apresentado que há pouca interação entre os professores de Educação Física e os demais professores, e como este componente é visto como uma prática de recreação, decorrente do processo histórico de desvalorização da Educação Física escolar.

Em seu artigo “Educação Física e Alfabetização: em busca de interlocução”, Menegon, Lima, Lima e Menoti (2015) apontaram como objetivo analisar e descrever a importância que a Educação Física tem no processo de alfabetização. Desta forma realizaram a pesquisa em uma Escola Municipal de Presidente Prudente, São Paulo, com a participação de cinquenta alunos, com faixa etária de cinco a sete anos, regularmente matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental I, e duas professoras

efetivas e duas tutoras auxiliares de sala, como procedimentos metodológicos realizou-se observações e entrevistas semi-estruturada através de um questionário aberto com as professoras e tutoras auxiliares de sala, buscando diagnosticar e analisar as contribuições da Educação Física no processo de alfabetização. Os autores apontam como resultado que a Educação Física, quando bem direcionada e realizada de maneira significativa, auxiliam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, tanto nos aspectos cognitivos, afetivos e motores. Desta forma, se ambas as áreas forem trabalhadas interdisciplinarmente e valorizando as múltiplas linguagens, o processo de formação integral do aluno será valorizado, possibilitando um processo de alfabetização significativo as crianças, não se restringindo apenas ao ato de ler e escrever.

O artigo de Costa e Monteiro (2019), apresentado como “A Educação Física e as possíveis interdisciplinaridades nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” teve como objetivo elucidar as possibilidades de articulação entre as diferentes linguagens, amparadas pela linguagem corporal, como meio para o desenvolvimento da Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender como esta área pode colaborar e garantir, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de outras áreas. Como metodologia adotado pelos pesquisadores, realizou-se um estudo de caso a partir de entrevista semiestruturada realizada com uma professora em quatro momentos da pesquisa, observação participante em duas escolas estaduais e análise documental. Como resultado, os autores apontaram reflexões a respeito da interdisciplinaridade, essas indagações podem apontar possíveis caminhos por meio de novas pesquisas que promovam um avanço significativo na compreensão e no fazer pedagógico, neste sentido apresentam possibilidades de articular jogos e brincadeiras realizados na Educação Física com as demais áreas do currículo.

Assis, Tavares e Wittizorecki (2021) em seu resumo intitulado “Que lindo, já está silábico!: Problematizando a Educação Física no ciclo alfabetizador” apresentam um estudo etnográfico realizado em duas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, buscando analisar como a Educação Física (EF) vem se produzindo no I ciclo das escolas pesquisadas. Como metodologia, realizaram observações nas escolas acompanhando os professores de Educação Física e os professores referências em suas aulas bem como em outros eventos das escolas, tais observações foram registradas em um diário de campo durante o período de observação, que ocorreu entre os anos de 2016 e 2017 e realizaram entrevistas semiestruturadas com três docentes das disciplinas de Educação Física. Como conclusão os autores apontaram que a alfabetização e o letramento eram fortemente enfatizados nas escolas pesquisadas, de forma que interferia as aulas de Educação Física, e que o trabalho não é somente do professor de EF, mas é produzido a partir dos discursos a respeito de infância e sobre alfabetização.

Nesse sentido, os resultados das pesquisas apontaram que é possível constatar que poucos estudos são realizadas nas áreas, tais pesquisas apontam que há a necessidade de se aproximar as duas áreas, Educação Física e Alfabetização, que por vezes a EF é vista somente como uma recreação sem fins pedagógicos, mas que se entende a importância que ela desempenha no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, no entanto, não se apresentam estratégias de como aproximar as áreas, embora seja relatado a necessidade de realizar um trabalho interdisciplinar entre as áreas de conhecimento.

Além disso, ao analisar as produções, evidenciou-se a importância e os desafios da integração entre Educação Física e Alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Foi notório um desejo de aproximação entre essas áreas, através dos discursos dos professores, que expressam uma vontade de trabalho conjunto, ainda que não efetivado na prática. Desta forma, uma abordagem interdisciplinar da Educação Física em paralelo ao processo de alfabetização, contribui em aspectos cognitivos e motores dos estudantes. Esses estudos denotam a potencialidade e os obstáculos da interdisciplinaridade, entre as duas áreas da pesquisa realizada, destacando a importância das práticas pedagógicas integradas que valorizem a integração das áreas no processo educativo.

3.3 DESCRIÇÃO DA TEORIA ANALÍTICA

Referente a educação, algumas teorias de aprendizagem ganharam mais força do que outras, dentre essas destaco três, a primeira a ser mencionada é a Empirista, tendo como princípio de que o homem é uma “tábula rasa”, uma folha em branco ao qual o conhecimento vai pouco a pouco sendo “impresso”. Desse modo, tais aprendizagens, são resultados de descobertas que já estão no mundo externo, no caso da escola, o professor é quem deposita o conhecimento e o saber, ao qual o sujeito nada sabe, conforme Neves e Damiani salientam que

isso significa afirmar o primado absoluto do objeto e considerar o sujeito como uma tábula rasa, uma cera mole, cujas impressões do mundo, formadas pelos órgãos dos sentidos, são associadas umas às outras, dando lugar ao conhecimento. O conhecimento é, portanto, uma cadeia de idéias atomisticamente formada a partir do registro dos fatos e se reduz a uma simples cópia do real (Neves; Damiani, 2006, p. 2).

No pensamento da Teoria do Inatismo ou Apriorismo, compreende-se que a criança possui ideias inatas que não sofrem modificações. Sendo assim, desde que nasce, o conhecimento está em estado latente, bem como sua personalidade, valores, hábitos, emoções e conduta social já estão definidos, sendo o conhecimento exclusivo do sujeito o meio não participa, neste caso, cabe ao professor estimular os alunos para que estes se desenvolvam, pois sua aprendizagem só dependerá dos traços de comportamento que ela traz desde o seu nascimento.

Na terceira teoria, no Interacionismo, o ensino ocorre em uma relação dialética entre sujeito e objeto, pois só é possível ensinar quando se tem alguém aprendendo. Para Jean Piaget³ (1896-1980), nesse contexto, toda criança já possui um saber consigo, um conhecimento prévio que deve ser aproveitado no processo de ensino-aprendizado. Tal teoria, considera que para que ocorra a construção do conhecimento, a educação deve criar métodos que estimulem esta construção, a criança tem a centralidade da aprendizagem, ao qual ao ser apresentado a uma situação que o desequilibra, a partir de conhecimentos prévios, tenta se equilibrar e adaptar-se com o meio, buscando superar aquela desacomodação. Desta maneira, o aprendizado ocorre de maneira gradual, e cada novo aprendizado, é construído a partir de conceitos anteriores.

Lev Vigotski³ (1896-1934), defendia que a linguagem, o desenvolvimento e a aprendizagem são construções mediadas pelo meio social e cultural, entendendo o homem e seu desenvolvimento em uma perspectiva sociocultural.

Vigotsky propõe a existência de dois níveis de desenvolvimento, sendo o primeiro o real (Zona de Desenvolvimento Real - ZDP), que se constitui como aquilo que o sujeito já tem desenvolvido, habilidades e conhecimentos construídos pela criança, e o segundo, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ao qual define a distância para se chegar através de mediações ao desenvolvimento potencial, que seria o que a criança consegue fazer com o auxílio de outras pessoas, no caso da educação, sob a mediação do professor.

O segundo podemos considerar na educação, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal que define a distância entre o nível de desenvolvimento atual (efetivo), determinado pela capacidade de resolver tarefas de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial (gama de possibilidades), determinado pela solução de problemas, sob a orientação e mediação do professor.

Nesse sentido, a escrita, leitura e a linguagem oral se desenvolvem de maneira interdependente e não separadamente, bem como a alfabetização ocorre em contextos culturais e sociais, pois o conhecimento do sujeito se junta aos conhecimentos transmitidos pelos docentes, havendo desta forma, uma assimilação com maior facilidade.

Ao pensarmos no processo de ensino-aprendizado, e mudarmos nossa narrativa de como ensinar, para como a criança aprende temos os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, que, como mencionado anteriormente na corrente construtivista, colocam o sujeito no centro de suas pesquisas não o enxergam como alguém sem nenhum conhecimento, pois desde cedo, as crianças já possuem curiosidades em relação a escrita que as cercam nos espaços sociais. De acordo com as

³ Piaget é tido como um dos principais teóricos do construtivismo, uma teoria que enfatiza que as crianças constroem seu próprio conhecimento ativamente, enquanto que, Vygotsky é associado ao interacionismo, uma perspectiva que destaca o papel crucial das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo.

pesquisadoras há um processo de aquisição de escrita baseado em quatro níveis de hipóteses: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética.

Tal como, diferentes concepções referente ao processo de ensino e aprendizagem foram sendo debatidos no âmbito da educação, para o processo de alfabetização não foi diferente, debates são tecidos referentes aos métodos de alfabetização, alguns ganhando mais espaço do que os outros em alguns períodos da nossa história.

Entretanto, antes de apresentar os métodos mais utilizados em nosso país é necessário compreender o que se entende por método, conforme Galvão e Leal (2005, p. 17)

no sentido amplo, método é um caminho que conduz a um fim determinado. O método pode ser compreendido também como maneira determinada de procedimentos para ordenar a atividade, a fim de se chegar a um objetivo. No campo científico, ele é entendido como um conjunto de procedimentos sistemáticos que visa ao desenvolvimento de uma ciência ou parte dela. No sentido aqui empregado, o método de alfabetização compreende o caminho (entendido como direção e significado) e um conjunto de procedimentos sistemáticos que possibilitam o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita.

Os métodos mais utilizados durante a história do Brasil podem ser divididos em dois grupos: os métodos sintéticos e os métodos analíticos, cada qual destes com suas características e particularidades.

Os métodos sintéticos organizam a aprendizagem de elementos menores que as palavras, indo das partes para o todo, isto é, inicia-se nas letras, fonemas ou sílabas, estruturas “mais simples” e progride para analisar unidades maiores, como as palavras, as frases e os textos (Galvão; Leal, 2005, p. 18). Tal método se divide em três dimensões ainda, alfabético, fônico e silábico.

A primeira destas dimensões, também conhecida como soletração, inicia a aprendizagem a partir dos nomes das letras do alfabeto, na sequência realiza combinações silábicas e por fim organiza-se as palavras, dessa forma, a criança lê inicialmente sentenças curtas até chegar as histórias completas. Nessa dimensão, “a idéia de que o treino do nome das letras era pré-requisito para a aprendizagem da leitura fundamentava a técnica da soletração, em que os alunos pronunciavam os nomes das letras, unindo-as em sílabas e depois em palavras (bê com a, ba, te com a, ta, bata)” (Galvão; Leal, 2005, p. 18-19).

Já no fônico, parte-se do som das letras, os fonemas para que desta forma a criança associe que o som que as palavras produzem quando são faladas são representadas graficamente, ensina-se primeiramente as vogais, depois as consoantes e posteriormente as sílabas e palavras. Desta maneira, este método

trata-se de fazer pronunciar as letras, aprendidas uma de cada vez, de acordo com seu valor fônico, como se pronunciam enquanto unidades das palavras. Desta forma, o método fônico possuiria a vantagem de não criar interferências entre o conhecimento dos nomes das letras e o conhecimento do som correspondente. Apesar do avanço apresentado pelo método fônico

em relação ao método alfabético, não são eliminados os problemas do mecanicismo e repetitividade da aprendizagem, obrigando ainda a criança a estar longe por um longo período de tempo dos significados das palavras e dos textos, verdadeiro objetivo da aprendizagem da leitura (Roazzi; Leal; Carvalho, 1996, p. 8 *apud* Galvão; Leal, 2005, p. 19).

No silábico, o aprendizado também é feito de forma mecânica e através da memorização, assim como no anterior, entretanto as crianças aprendem primeiro as famílias silábicas, para posteriormente compreenderem as palavras. Sendo assim,

as abordagens baseadas nos métodos silábicos promovem o ensino, de modo que os alunos são levados a memorizar padrões silábicos (partindo dos mais simples, com estrutura consoante-vogal) e, depois, a uni-los em palavras. Nesse sentido, os alunos só eram chamados a formar palavras que fossem compostas dos padrões silábicos trabalhados. A concepção básica é que a aprendizagem ocorre por memorização, bem como a alfabetização também assim ocorre (Galvão; Leal, 2005, p. 19).

Já nos métodos analíticos, buscando romper com os métodos sintéticos, o processo de ensino é o inverso, partindo assim das unidades maiores da língua para as unidades menores, subdividindo-se em: método da palavração, método de sentencição e método global. No primeiro destes métodos, o aprendizado inicia a partir das palavras, sendo assim uma palavra é apresentada e posteriormente, é decomposta em sílabas, para que depois se forme um repertório de palavras possibilitando a construção de frases e textos.

De modo similar, na sentencição, o ensino parte de frases inteiras buscando a memorização, ao qual o estudante deve reconhecer e compreender o sentido desta sentença para posteriormente analisar as suas partes menores ou maiores.

Por fim, o método global, também conhecido como método dos contos apresenta inicialmente estruturas de textos com começo, meio e fim, desta maneira, as crianças aprendem a partir destes textos, que possuem significado para elas, as letras, as palavras e as sílabas, desenvolvendo a escrita e a leitura de forma autônoma, com intervenções dos professores quando se fizer necessário.

Os métodos são variados e cada qual com suas vantagens e desvantagens, e no processo de ensino-aprendizagem é necessário que os docentes coloquem em foco a aprendizagem da criança, compreendendo de que maneira o estudante aprende para então analisar como se desenvolve o processo de ensinar (Soares, 2020, p. 290). Pois,

método é *caminho em direção a um fim*. O *fim* é a criança leitora e produtora de textos, e, para levá-la a esse fim, é preciso orientá-la no percurso desse *caminho*, conhecendo o seu curso, seus meandros, as dificuldades que podem se interpor. Para isso, professoras/es fundamentam-se nos processos cognitivos e linguísticos de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita, por eles orientam seus próprios passos e os passos das crianças: é o que se denomina **ensinar com método**, ensinar conhecendo e orientando com segurança os processos de aprendizagem da escrita e de seus usos, o que se diferencia fundamentalmente de ensinar trilhando caminhos pré-determinados por convencionais **métodos** (Soares, 2020, p. 290).

Desta forma, é necessário compreender os métodos e suas possibilidades de serem utilizados ou não com seus estudantes e as realidades ao qual pertencem, enxergando assim que para alfabetizar dispõem-se de inúmeros caminhos que podem ser percorridos buscando ao fim destes alfabetizar e letrar o sujeito em questão. Cabendo assim ao docente ter um olhar sensível e atento as possibilidades que poderão ser percorridas por ele e seu estudante no trajeto de ensino e aprendizagem, não tendo, o método pré-definido ou estabelecido antes mesmo de conhecer os percursos de cada uma das crianças.

Entretanto, ao pensar nas múltiplas teorias e métodos de alfabetização, nos vem à mente, qual o espaço que o corpo do sujeito ocupa neste debate. Ao alfabetizar cabe ao sujeito ocupar o espaço pré-determinado a ele e “receber” os conhecimentos que lhes são disponibilizados.

Os corpos dóceis recebiam com naturalidade a disciplina, que se constituía de métodos que permitiam o controle minucioso das ações corpóreas, através da delimitação do espaço, controle do tempo e do movimento. Se pensarmos na Educação Física, em seu trilhar histórico, não identificaremos exatamente isto? Ela não foi mestre em controlar espaço, tempo e movimento? (Moreira; Chaves; Simoes, 2017, p. 204)

Embora o questionamento dos autores seja direcionado à Educação Física, nos cabe aqui a reflexão, de que é o corpo e qual seu papel no processo de ensino-aprendizagem, neste sentido deixando de considerar a corporeidade do sujeito, que vai além do corpo físico, mas o seu modo de ser um indivíduo e suas múltiplas formas de aprender, pois é através dela que os estudantes podem se expressar. Pois vemos,

[...] já desde antes que nascesse a criança, a uma constelação de significados profundos e a um código. A criança que nasce vem preencher um lugar já preparado, mas quando nasce é uma realidade que desde o real desafia o imaginário, porque já tem um sexo marcado organicamente (Fernández, 1991, p. 42).

Tais predeterminações englobam as crianças em uma lacuna de expectativas, normas e tempos de aprendizagem, direcionando-os a acomodarem-se de forma correta e apropriada na sala de aula, mas qual seria a melhor forma para aquela criança sentar-se ou até mesmo copiar? Quais seriam as suas formas de aprender? Como o seu corpo deve se portar neste espaço? Esses questionamentos devem percorrer o espaço da sala de aula, logo nos fazendo refletir, de que forma pode-se alfabetizar, e de que forma, a Educação Física pode auxiliar neste caminho. É perceptível que,

tradicionalmente, de acordo com uma visão racionalista e dualista do ser humano, considerou-se a aprendizagem exclusivamente como um processo consciente e produto da inteligência, deixando o corpo e afetos fora; mas, se houve humanos que aprenderam, é porque não fizeram caso de tal teoria e “fugiram” dos métodos educativos sistematizados. Necessariamente na aprendizagem entram em jogo, numa maneira individual de relação, pelo menos quatro níveis, aportados pelo *ensinante* e pelo *aprendente* em um processo vincular (Fernández, 1991, p. 47).

Sendo assim, é evidente que no processo de ensino e aprendizagem se estabelece uma relação entre quem ensina e quem aprende, de forma que, ao optar por um método de aprendizagem, o docente está possibilitando diferentes resultados aos seus estudantes, criando mecanismos para que o mesmo possa assimilar e acomodar tais conhecimentos que lhe estão sendo apresentados, por vezes, até mesmo lhe desequilibrando.

Pois, conforme apresentado por Fernández em consonância com Paín, a aprendizagem é um processo “que permite a transmissão do conhecimento de um outro que sabe (um outro do conhecimento) a um sujeito que vai chegar a ser sujeito, exatamente pela aprendizagem” (Fernández, 1991, p. 51). Tendo isto posto, parte-se da compreensão que o conhecimento não pode ser transmitido a outro indivíduo, mas sim, ao entrar em contato com este objeto em questão, o sujeito poderá assimilá-lo a partir de outros conhecimentos prévios, para que posteriormente, o acomode, transformando assim aprendizagem em conhecimento. Dessa forma,

o ser humano pode transformar a *enseña*⁴ em conhecimento. Esta por sua vez, é construída pelo *ensinante* por meio de quatro níveis de elaboração (orgânico, corporal, intelectual e semiótico ou desejante) [...] A aprendizagem é, então, uma das funções para a qual estes níveis podem se inter-relacionar com o exterior e, por sua vez, conformar-se, a si mesmos, em um processo dialético (Fernández, 1991, p. 52).

Por conseguinte, para debatermos sobre aprendizagem é necessário retomar o espaço que o corpo ocupa na sala de aula, para isto, é imprescindível compreender os quatro níveis que estão atrelados ao processo de aprendizagem e “o organismo transversalizado pelo desejo e pela inteligência, conforma uma corporeidade, um corpo que aprende, goza, pensa, sofre ou age” (Fernández, 1991, p. 57).

Conforme a autora supracitada, ao encontro de Sara Paín, o organismo guarda de forma programada, como um aparelho com transmissores, neste caso as células nervosas, registrando determinadas conexões e as reproduz quando necessárias. Nessa mesma analogia, o corpo necessita das coordenadas, para criar algo novo ao qual será aprendido, pois o organismo está funcionando de maneira codificada, mas que funcionam em sincronia. Pois, “o organismo necessita do corpo, como um gravador necessita de um instrumento de música original que emita o som, para que ele possa gravar” (Fernández, 1991, p. 58).

Desta maneira, mesmo quando não utiliza de fato seu organismo em determinadas tarefas, o corpo participa do processo, seja em uma fala que permeia o corpo do sujeito, ao qual é aprendida, mas que está inserida em um processo involuntário do organismo, como sua respiração. À vista disso,

⁴ De acordo com a nota do revisor: “em espanhol, o radical “ensen” é o mesmo para a palavra ensinar e para a palavra insígnia (emblema, bandeira), podendo assim ser realizado um jogo de palavras” (1991, p. 51).

é através do nosso corpo que nos apropriamos do organismo, mesmo que não dialogamos com nosso organismo, pois o mesmo é “programado” e repleto de memórias e saberes constituídos, dialogamos com nosso corpo de forma a lhe moldar, tendo em vista que este acumula experiências de acordo com os comportamentos culturais que é exposto (Fernández, 1991, p.58). Pois,

a memória do corpo é diferente da do organismo, e ambas se conjugam com as “memórias” da inteligência e do desejo na aprendizagem. Assim como a inteligência memoriza e o sujeito recorda, a reprodução do organismo implica a memória dos caracteres hereditários e as disposições que deles se desprendem, enquanto que a reprodução pelo corpo “é a da mimese, a que duplica o outro em um jogo de espelhos ainda antes que se instale qualquer imagem de propriedade egoica” (Fernández, 1991, p. 59).

Deste modo, como já discutido pelos autores mencionados, é através do corpo que perpassa a aprendizagem, quando somos apresentados a um novo conhecimento, primeiro é necessário que tenhamos estranheza com o que é novo, para que possamos assimilá-los com nossos conhecimentos anteriores para só assim, acomodá-los como um aprendizado.

Assim, ao educador não deveria bastar-lhe que seu aluno faça bem as multiplicações e divisões, ou responda a uma avaliação. Existe um sinal inconfundível para diferenciar a ortopedia da aprendizagem: o prazer do aluno quando consegue uma resposta. A apropriação do conhecimento implica o domínio do objeto, sua corporiza são prática em ações ou em imagens que necessariamente resultam em prazer corporal (Fernández, 1991, p.59).

Para que o estudante, se aproprie de fato do que lhe foi apresentado é necessário que este sinta prazer em aprender o conteúdo, e esse prazer está relacionado diretamente com o seu corpo, mesmo que esse não seja o objeto da aprendizagem de fato, pois “não há aprendizagem que não esteja registrada no corpo” (Fernández, 1991, p.60), em suma, alfabetizar uma criança torna-se inviável se ela não encontra prazer no processo de aprendizagem, sendo necessário compreender que a criança constrói este aprendizado quando a escrita e leitura está associada ao prazer e ao interesse pessoal.

Por vezes, não ocorre o aprendizado porque o conteúdo apresentado as crianças são maçantes e cansativas para elas, pois, não lhes desperta o prazer, um exemplo seria o ensino da matemática que acaba por ser complicado, e pensasse não utilizar o corpo neste momento, entretanto, em todos os aspectos a aprendizagem perpassa corpo e organismo que estão interligados. Buscando dar prazer as crianças, é proposto atividades de “lazer”, em um momento separado e distante da sala de aula, sendo um exemplo disto as aulas de Educação Física, para que elas possam movimentar seus corpos, separando desta forma prazer e dever, ou ocorre um, ou ocorre o outro, não uma articulação entre “conteúdos da sala de aula” com práticas corporais.

4 ANÁLISE REFLEXIVA

4.1 CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO

A educação, enquanto prática social e política, é permeada por diversas concepções teóricas e filosóficas que moldam tanto as políticas educacionais quanto as práticas pedagógicas, estas que são vistas cotidianamente nos espaços escolares, em especial, na sala de aula. Como apresentado por uma das entrevistas que,

as dificuldades, acho que, quando a família não ajuda. É que na aula a gente não consegue dar conta de tudo, porque tem crianças de vários níveis ali, então geralmente os que apresentam mais dificuldades são os que a família “não”... A gente encaminha, ano passado teve vários casos, a gente encaminhou, mas a mãe não leva, fica naquela questão que parece que a professora que não fez nada para ajudar, aí tem que fazer as aulas adaptadas para esses alunos que não conseguem acompanhar o grupo. Então, eu vejo a dificuldade assim, uma questão da família, se ela não participa, se ela não ajuda, e também esses alunos que a gente tem na sala de aula que não tem a auxiliar as vezes, pra te socorrer, são vinte, daí dois, três com laudo, bem difícil essa parte. A recompensa é quando começam a ler né, tu contribuiu para isso acontecer, aquilo ali é muito bom, até quando a família vem no final agradecer que a gente em parceria conseguiu dar conta, isso pra mim é a grande recompensa (Professora D).

Sendo a educação um processo integral que visa o desenvolvimento pleno do indivíduo abrange diferentes aspectos, como o cognitivo, emocional, social e físico. Estes que permeiam as relações sociais entre professor e estudante, escola e família.

Desta maneira, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁵ (LDB),

art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. [...] § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (Brasil, 1996).

Os debates referentes as concepções de educação não são recentes, mas entre os autores da área Paulo Freire defende a educação como um ato de liberdade e um processo de conscientização. Ao criticar a “educação bancária”, ao qual os alunos estão de modo passivo recebendo conhecimentos, argumenta que nesse modelo de educação os educandos não são sujeitos ativos em seus aprendizados. Pois,

a proposta educacional de Paulo Freire, a sua concepção de educação como processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana, seria uma concepção libertadora de educação, pois a educação domesticadora seria mero ato de transferência de conhecimento e de descrição da realidade, enquanto que a educação libertadora seria ato de criação do conhecimento e método de ação-reflexão para a transformação-reinvenção da realidade (Costa, 2015, p. 85).

⁵ Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

Para que a educação possa transformar a realidade dos alunos, é crucial construir um ambiente colaborativo e prazeroso para as crianças. Ao qual, embora a prática histórica ocorra nas escolas, em que vemos as mesas e cadeiras em filas, uma atrás das outras, é necessário modificar o ambiente, dessa maneira, ao inovar as abordagens educacionais, torna-se o processo de aprendizagem mais cativante e eficaz.

Então assim, tudo muda, não adianta aquela coisa da educação mecânica, da aprendizagem mecânica, *ah vamos copiar do quadro*, não é errado copiar do quadro, tem que ter, até porque eles também têm que aprender a se organizar. Só que não vai funcionar mais, as nossas crianças não são mais para serem cópias, eles não são robôs. Eles não sentam uma tarde toda na cadeira fazendo o que tu manda, não tem mais isso! (Professora C)

Neste sentido, defende-se uma educação dialógica e problematizadora, de forma a ocorrer tanto pelos educandos como também pelos educadores, que, em parceria, atuam de modo crítico e reflexivo, permitindo-lhes desenvolver uma consciência crítica capaz de questionar e transformar a realidade social.

John Dewey, por sua vez, apresenta a educação como um processo vital de desenvolvimento individual e social. Para ele, a educação não se resume à mera transmissão de informações, mas é um processo contínuo de reconstrução e reinterpretação da experiência. Ele enfatiza a importância da interação entre o indivíduo e o ambiente, acreditando que a aprendizagem ocorre através da experiência prática e da reflexão sobre essa experiência.

Nesse sentido, quando em nossa entrevista comentamos a importância do olhar crítico do docente sobre seu trabalho, a entrevistada comenta que

só que pelo olhar crítico de quem está de fora, *ah aquela turma é um tormento, é uma turma agitada*, mas vamos parar para pensar que tudo mudou socialmente, e essas são as nossas crianças do futuro, são as crianças de hoje e eles aprenderam a se comportar assim, e quem é que tem que mudar? A dinâmica do professor! E o que que tu tá conseguindo daquela turma? Tu tá conseguindo avançar com aquela turma? Ela tá conseguindo aprender? Daquele jeitinho deles, cada um fazendo do seu jeito, dando a sua opinião, tu não tá criando um cidadão crítico, ajudando ele a pensar, será que tá certo? Será que tá errado? Tu agiria assim? E é um trabalho que tu vai assim aos pouquinhos (Professora C).

Neste sentido, em concordância com Dewey, a escola é uma comunidade democrática em miniatura, onde os alunos aprendem não apenas os conteúdos curriculares, mas também habilidades sociais e cívicas essenciais para a vida em uma sociedade democrática. Ele defende que a educação deve ser centrada no aluno, valorizando suas necessidades, interesses e experiências, e promovendo um aprendizado ativo e participativo. A abordagem de Dewey destaca a importância de orientar os alunos para serem cidadãos críticos e engajados, capazes de contribuir para a melhoria contínua da sociedade.

Sendo assim, a escola não é tão somente um espaço para abordar conteúdos curriculares, mas também, buscar compreender a realidade de cada uma das crianças, bem como, de suas famílias, pois estes fatores perpassam o fazer pedagógico.

Conforme Paulo Freire “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, antes de uma criança/estudante ser alfabetizada e aprender a decodificar, ela já sabe ler implicitamente ler a vida, o mundo, os signos. Desta forma, não se pode ignorar este conhecimento, mas sim utilizá-lo, agregando-o no processo de alfabetização, no qual consiste em desenvolver a habilidade de ler e escrever de acordo com as regras ortográficas (Osório, 2019, p. 15).

Conforme apresentado pela DCMO, o letramento inicia antes mesmo da criança se alfabetizar, pois ela possui um conhecimento cultural construído nas suas vivências e interações sociais, conhecimentos estes, que não devem ser desconsiderados quando pressupõe-se alfabetizar. Processo esse, que deve ocorrer nos dois primeiros anos do ensino fundamental conforme apresentado pela BNCC, em que

nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (Brasil, 2018, p. 59).

É notório que de acordo com os documentos supracitados, é durante o ciclo dos dois primeiros anos do ensino fundamental que se deve propiciar experiências com enfoque em práticas de alfabetização e letramento, articuladas de forma conjunta a garantirem a aquisição e domínio das habilidades envolvendo a codificação e decodificação do sistema alfabético. Nesse sentido, uma das entrevistadas relatou que

o primeiro ano claro, tem suas dificuldades, o segundo ano também, mas o terceiro acaba juntando todas as crianças que foram sendo empurradas, porque a gente sabe que o professor tentou muito tempo, mas essa criança vai seguindo, ela não conseguiu, não atingiu o que precisava no primeiro ano, ela evoluiu talvez, mas não atingiu e aí vai indo. E chega lá no terceiro ano, tem criança alfabetizada, produzindo texto e tem criança as vezes que não sabe as letras [...] Porque eu sempre digo para eles, a gente vai começar o ano todo mundo junto e o cenário ideal é que todo mundo fosse junto depois, então eles estarem juntos, se apoiarem... (Professora E)

A partir desta fala, nota-se a preocupação da entrevistada com estes estudantes, que por vezes perpassaram o primeiro e segundo ano sem a construção necessária para a aquisição da leitura e escrita, embora, já tenham consigo noções de letramento e até conhecem os objetos de estudos, mas não organizaram ainda seus esquemas de aprendizagem. Cabendo então a essa professora, oportunizar diferentes práticas a eles, tendo de retomar as vogais e o alfabeto, e ao mesmo tempo, organizar textos ampliando o universo vocabular de outros estudantes, pois

a leitura é um dos meios mais importantes para a construção de novas aprendizagens, possibilitando o fortalecimento de ideias e ações, permitindo ampliar e adquirir novos conhecimentos, favorecendo a ascensão de quem lê a níveis mais elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimentos a novas situações, a análise e a crítica de textos e a síntese de estudos realizados (Paiva; Lucena, 2021 p. 210-211).

Deste modo, sendo a escola um ambiente de interações, as ações pedagógicas são entremeadas por diversos fatores do cotidiano e da realidade de cada estudante e sua turma, por conseguinte, ao propor uma atividade durante o processo de alfabetização deve-se buscar articular as necessidades para a aquisição da habilidade de leitura e escrita, como também, as necessidades de cada um desses indivíduos perante a sociedade, conforme salienta Soares (2017, p.172)

portanto, ao pensarmos em alfabetização e cidadania, é preciso, aqui também, e de novo, fugir a uma interpretação linear desses dois termos, atribuindo-lhes uma relação causa-consequência, em que a construção da cidadania seja vista como dependente da alfabetização; esta deve ser entendida como um componente, entre muitos outros, da conquista, pela população, de seus direitos sociais, civis e políticos.

Em congruência a importância de compreender a necessidade da alfabetização enquanto prática social, uma das professoras aponta que

na verdade, a gente tem que trazer a necessidade, mostrar para eles a necessidade da alfabetização, por que alfabetizar, por que que eu tenho que olhar para o quadro e por que que eu tenho que tentar escrever essas letras, pra que isso né. E eu tento buscar muito isso, de qual é a necessidade, aonde que eu vou usar, a questão das letras também por que conhecer elas, *tá eu já sei, eu já conheço aquela letra porque eu tenho que conhecer o outro tipo de letra?* Essa necessidade, de trazer problemas que surgem no cotidiano e que tenha necessidade de saber aquilo dali, aquela letra ali por exemplo (Professora B).

A alfabetização é um processo complexo e multifacetado que vai além da simples capacidade de ler e escrever, pois “*não é uma habilidade, é um conjunto de habilidades*” (Soares, 2017, p. 20). Tendo isto posto, ao longo dos anos, diferentes concepções de alfabetização foram debatidas, refletindo mudanças nas abordagens pedagógicas, teóricas e culturais. Nesse sentido, ao questionar uma das entrevistadas sobre como foi o processo de alfabetização durante a sua formação inicial, ela relata que

[...] já a alfabetização eu fui, porque tava mudando dos oito para os nove anos, porque não podia dar nada, porque era um pré forte. Há dez anos atrás, a gente não sabia se dava ou não letra. Nesse começo era onde eu tirava mais tempo pra brincar, o processo de alfabetização foi um caminhar, a criança pra conhecer a letra, fazia atividade com o corpo, com a areia. Depois de uns quatro/cinco anos, já tinham que sair lendo, sílabas complexas, com jogos e essas coisas. (Professora A)

A partir desta fala é perceptível o quanto o alfabetizar foi um caminhar construído na relação com a escola e as turmas, notando seus anseios e necessidades, pois na alteração da legislação da

obrigatoriedade dois oitavo para os nove anos do Ensino Fundamental⁶, através da Lei nº 1.274, sancionada em 6 de fevereiro de 2006, ocorreu inquietações de como trilhar durante o primeiro ano, o que apresentar ou não as crianças, permanecendo assim aspectos da educação infantil, buscando preservar o brincar e as interações, ao invés de enfatizar a alfabetização, o “processo de apropriação da ‘tecnologia da escrita’, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita” (Soares, 2020, p. 27)

A escrita é o grande conteúdo a ser abordado durante o primeiro ano, entretanto, para isto é necessário que as crianças sintam prazer ao aprender, e ainda, é necessário um olhar crítico do professor, desse de demonstrar a importância e a necessidade de saber ler e escrever, do quanto isto permeia nosso ser social, indo além, do quanto a escola transforma o sujeito que a frequenta.

Ainda, “faz-se necessário ressaltar que o professor em formação deve ser estimulado a refletir sobre os problemas que assolam a profissão, bem como maneiras de tentar solucioná-los” (Carvalho *et. al*, 2009, p. 12), sendo assim, durante a entrevista quando questiono a professora referente sua formação inicial ser suficiente para alfabetizar, logo ela responde que

Não, não. Tanto é que assim, tu tem que trabalhar com a fonética, com os fonemas, eu não tinha noção, eu tive que fazer cursos fora e assistir muitos vídeos. Quando eu comecei, daí no fundamental, eu comecei com primeiro ano, então eu pesquisei antes de entrar na sala, quando me disseram *vai ser um primeiro ano*, eu tive três dias, que eu vivi três dias, escutando muitos vídeos, olhando muita coisa mesmo, eu fiz até um curso, um curso rápido, porque não, não foi a faculdade que me deu isso, também não foi o magistério, a questão dos fonemas, porque não tem como tu alfabetizar sem tu saber, conhecer os fonemas. Esse ano eu tô com um segundo ano, eu não consigo mais ter um Instagram de uma vida, vamos supor, fora da alfabetização, eu tô sempre procurando uma atividade diferente, uma dinâmica diferente, porque eu acredito que alfabetização é isso, entendeu? Se eles não souberem, não conhecerem a letra somente pelo nome, mas eles não sabem que sonzinho tá saindo da boca deles, eles não vão conseguir escrever espontaneamente e corretamente (Professora C).

Referente a formação inicial e suas inseguranças sobre a alfabetização, outra professora relatou que

quando eu comecei a fazer o magistério eu nunca pensei em alfabetizar, porque eu sempre achei isso muito difícil, eu pensava assim, como é que eu vou ensinar uma criança a ler e a escrever, então esse não era o meu objetivo lá no magistério, eu sempre pensei em dar aula para os alunos maiores, na época terceira/quarta série E aí eu nunca pensei nisso. E aí quando eu vim trabalhar aqui na escola, eu vim trabalhar aqui em 2017, quando eu cheguei aqui, eu trabalhava na biblioteca em um turno e sobrou uma turma de alfabetização, e a *Márcia*⁷ como eu tinha magistério, e tava fazendo Letras, disse assim, *tu não quer pegar essa turma, é mais um ensinamento pra ti*, aí eu disse, *eu não vou conseguir, nunca trabalhei*, mas ela disse, *não, mas a gente vai te ajudar*. [...] E aí as gurias foram me ajudando, me dizendo como eu ia proceder nesse trabalho, e aí eu fui iniciando a minha carreira e ali eu continuei na alfabetização (Professora F).

⁶ Disponível para acesso em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111274.htm

⁷ Nome fictício em razão da pessoa mencionada não possuir TCLE.

Em conformidade com o que foi apresentado pelas professoras, Freire dialoga que “foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo, na medida em que o transformávamos, em que o reinventávamos, que terminamos por nos tornar ensinante e aprendizes” (1997, p. 19 *apud*. Carvalho *et. al*, 2009, p. 12), pois apesar de não terem vivenciado tais experiências durante sua formação inicial, ou não ser o que idealizavam para si, ao entrarem na sala de aula, em uma turma de alfabetização, ambas professoras buscaram meios de ampliarem seus conhecimentos, assumindo um papel de aprendizes em contato com os demais e com sua realidade e vivências.

Para tanto, as respostas das entrevistadas convergem em um sentido, elas salientam que a formação inicial foi de suma importância para formar a sua identidade docente, aprimorando as teorias vistas na graduação e as relacionando com as vivências cotidianas, todavia, mesmo que estejam em sala de aula é necessário que continuem buscando novos conhecimentos e saberes diariamente, pois

anterior ao imperativo que comumente se coloca ao professor, de se conhecer e apropriar das novas tecnologias (tratando-as como um ‘entendimento’ meramente técnico e, portanto, “neutras”), a proposta é ir além e repensar não só a formação docente, mas existencialmente a nós mesmos, com nossos arcabouços mentais solidificados e a necessidade de nos “descondicionar” e, conseqüentemente, nos abrir às novas possibilidades de reinvenção do cotidiano acadêmico que tal conflito geracional oferece (Barros, 2015, p. 570).

Com isto posto, retomo a resposta de uma das entrevistadas que dialoga sobre a necessidade de repensar as metodologias e práticas utilizadas na sala de aula, frente aos desafios e necessidades de cada estudante, tendo em vista que

hoje em dia é completamente diferente, todo ano tu tem que mudar tua metodologia, eu quando peguei uma turma de segundo ano, ano passado, veio pra mim que a turma não copiava nada, e eu tive que mudar a minha metodologia, eu ensinava eles, até a metade do ano com dinâmicas, poucas coisa a gente escrevia no papel, porque se a gente fosse escrever eu não tinha nada deles e perdia muito tempo naquilo ali, e eles não aprendiam. Então fazendo uma dinâmica, uma brincadeira, olhando um vídeo, ou conversa, numa troca, eu tinha mais respostas das aprendizagens, do que eles sentados, simplesmente copiando (Professora C).

Desta forma, é perceptível a partir deste relato que foi de suma relevância a atenção da professora nas dificuldades dos estudantes, e sua percepção e cuidado ao notar que as crianças construam aprendizagens a partir do que era significativo para elas, mesmo que esta não fosse sua metodologia de costume. Evidenciou-se que tais modificações em sua metodologia e estratégias de ensino, posterior a isso notou-se novas aprendizagens das crianças, tendo em vista que

para esse “novo aluno” que pertence às gerações relacionadas intrinsecamente com a tecnologia faz-se necessária a construção de novas narrativas, diferenciadas (reconhecendo a diversidade existente no mundo contemporâneo); desde as que se constroem no silêncio e no gesto, até as poéticas e tecnológicas. [...] Os discursos presentes no ambiente educativo devem se coadunar com o da diversidade cultural que permite a “escuta” dos valores do indivíduo e do grupo a que pertence (Barros, 2015, p. 571).

Entretanto, tais inquietações são perceptíveis ao conversar com outra entrevistada, que relata que no

ano passado o que eu vi, na questão da motricidade, as crianças prontinhas, pra ler e escrever, esse ano não, os letrão desse tamanho, sentam tudo atravessado, acho que os maiores desafios são isso, uma inquietude. Recompensas são quando eles chegam e já estão lendo aquelas letrinhas, quando eles começam a ler, porque não é o tempo da gente, tu vai fazendo, mas não sabe o resultado como vai dar, eu geralmente faço aulas iguais, mas não é sempre igual, a criança tem que se construir, mas ela também tem que se organizar, se caber naqueles espaços, emocionalmente, às vezes eles só querem um abraço, porque às vezes a escola é o único lugar. Nunca tem um dia igual o outro, não é uma coisa assim... (Professora A)

Tais percepções apontam para as diferenças geracionais e as expectativas criadas, por parte dos professores, a partir de vivências passadas em turmas e anos anteriores, em que direcionam as crianças a um modo de ser e aprender. Tal relato, salienta a importância da criança se organizar enquanto corpo e espaço, para só então, se organizar no caderno e em espaços menores para sua escrita, o quanto o domínio do seu corpo é necessário para a aquisição e formulação da habilidade de escrita e de leitura. Contudo, é indispensável que o professor analise criticamente o seu fazer pedagógico e modifique por vezes suas metodologias buscando relacionar com os estudantes e suas necessidades e anseios.

4.2 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS

É notório que a Educação Física desempenha um papel crucial na formação crítica dos estudantes, possibilitando assim o protagonismo desses, com práticas articuladas à sua cultura, corpo e movimento.

A Educação Física no Brasil passou por diferentes períodos ao longo da história, refletindo as transformações sociais, políticas e culturais do país. Cada uma dessas fases aponta contribuições específicas e desafios únicos, moldando a forma como a Educação Física é compreendida e praticada nas escolas e na sociedade brasileira. Esses períodos podem ser classificados em fases distintas, que incluem desde a colonização até a contemporaneidade.

Existe pelo menos um ponto em comum entre as várias concepções de Educação Física: a insistência na tese da Educação Física como atividade capaz de garantir a aquisição e manutenção da saúde individual. Com maior ou menor ênfase, as concepções de Educação Física, de um modo geral, não deixam de resgatar versões que, em última instância, estariam presas no lema “mente sã em corpo são” (Júnior, 1991, p. 17).

Desta maneira, entre o final do século XIX e início do século XX, entre os anos de 1889-1930, a fase higienista, surge no contexto das preocupações com a saúde pública e a higiene. A Educação Física era vista como uma ferramenta para promover a saúde e prevenir doenças,

para tal concepção a ginástica, o desporto, os jogos recreativos etc. devem, antes de qualquer coisa, disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de levá-las a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde e da moral, o que “comprometeria a vida coletiva” (Júnior, 1991, p. 17).

Em razão disso, seu foco estava na criação de hábitos saudáveis e na promoção da higiene corporal, suas práticas incluíam exercícios físicos moderados, ginástica e atividades ao ar livre, sempre com a intenção de melhorar a condição física e evitar enfermidades.

A fase de militarização da Educação Física, predominante nas primeiras décadas do século XX, sobretudo entre 1920 e 1940, marcada pela influência das necessidades militares e nacionalistas. O contexto político e social da época, com regimes autoritários e a preparação para conflitos bélicos, levou à incorporação de práticas militares nas aulas de Educação Física.

Diferentemente da Educação Física Higienista, que se acredita capaz de “redimir o povo de seu pecado mortal, que é a ignorância”, e que o leva às condições de deterioração da saúde, a Educação Física Militarista, por sua vez, visa à formação do “cidadão-soldado”, capaz de obedecer cegamente e de servir de exemplo para o restante da juventude pela sua bravura e coragem (Júnior, 1991, p. 19).

Ao qual, seu objetivo principal era fortalecer o corpo e o espírito dos jovens, preparando-os para a defesa da nação. As atividades incluíam exercícios físicos, treinamentos de resistência, marchas e outras práticas que enfatizavam a disciplina e a obediência.

A Educação Física Pedagogicista, que a partir da década de 1970, trouxe uma nova perspectiva ao valorizar o aspecto educativo das atividades físicas, sendo assim

nesta classificação existe uma nítida diferenciação entre instrução e educação. Assim, as diversas disciplinas escolares são “instrutivas”, enquanto que a Educação Física, mais rica, é também “educativa”. Nesse sentido é ela que colabora decisivamente, ou “pelo menos deveria colaborar se os órgãos públicos assim o desejassem”, para que a juventude venha a “melhorar sua saúde, adquirir hábitos fundamentais, preparo vocacional e racionalização do uso das horas de lazer” (Júnior, 1991, p. 19).

Sob influência das teorias pedagógicas e psicológicas, essa fase busca integrar a Educação Física ao processo educacional como um todo. O foco passa a ser o desenvolvimento integral do indivíduo, contemplando não apenas o físico, mas também o cognitivo, emocional e social. As práticas são diversificadas e incluem jogos, esportes, danças e atividades recreativas, sempre com o objetivo de promover a autonomia, a cooperação e a formação crítica dos estudantes. Tendo isto posto, ao questionar uma das entrevistadas, referente a sua formação inicial e como foi suas orientações para as aulas de Educação Física, ela relata que

Eu tive uma aula boa, mas era muito mais recreação do que a própria Educação Física, era uma aula que eu precisava fazer eles se movimentarem. E eu sempre vi isso, e ainda sim, mesmo eles tendo a aula de Educação Física, alguma coisa que eu envolva os movimentos corporais deles eu preciso colocar, até porque na hora do parecer eu tenho que saber como é

que tá o posicionamento deles em questão espacial, dele se colocar, a postura dele em sala, na mesa, tudo isso a gente acaba trabalhando um pouquinho, mesmo tendo a Educação Física. Mas a minha formação, foi mais recreacionista do que propriamente Educação Física (Professora B).

A partir dessa narrativa, é perceptível que durante sua formação lhe foi apresentado a Educação Física como uma prática recreativa buscando que os estudantes se movimentassem. Entretanto, nas práticas dos seus planejamentos, embora a turma possua aulas de EF com um professor específico, a professora realiza atividades buscando compreender de que forma as crianças se organizam na mesa, nas suas posturas e o espaço que ocupa na sala de aula, uma ação reflexiva do que foi aprendido durante sua formação inicial e uma busca de novas metodologias, assim buscando interligar e promover a autonomia das crianças.

Em congruência, a Professora A comenta que,

Então, essa parte da Educação Física eu fiz no Magistério, então a gente criou muito plano, ia pra quadra, a gente fazia que nem as crianças, dançava as músicas de festa junina como as crianças, jogava aqueles jogos iniciais como se fossem as crianças. Quando eu cheguei para fazer o estágio, eu cheguei com uma pastona, no meu primeiro ano lá no Marquês, a professora fazia muito teatro com a gente, música pra gente ensinar. No que se refere na Educação Física eu já vim preparada, porque a professora que nos orientou no magistério, eu a achava muito boa, a gente tinha aula pro dia de chuva, aula de teatrinho, e isso deixou em mim essa coisa. Eu gosto de fazer tudo aquilo que fazíamos lá no magistério, voar como uma borboleta, pular numa perna só, pra gente isso não é nada, mas para eles (Professora A).

Tal relato, apresenta uma visão de EF que conversa com as teorizações referente à Educação Física Pedagogicista, que busca de forma integrativa abordar práticas de forma ampla e diversificada, mesmo que relate “já vir preparada” por durante o Magistério desenvolver diversos planos aos quais pode utilizar em seu estágio, busca no seu cotidiano modificar esses e articular com a realidade de seus estudantes, buscando oportunizar atividades que trabalhem de forma integral.

Enquanto, o período Competitivista da Educação Física, é caracterizada pelo enfoque nos esportes e na competição, intensificou-se a partir da década de 1980, e reflete a influência dos grandes eventos esportivos e da mídia. A prática da Educação Física passa a valorizar o desempenho, a superação de limites e a conquista de vitórias. As aulas são centradas em treinamentos esportivos, participação em campeonatos e desenvolvimento de habilidades específicas, assim “a ginástica, o treinamento, os jogos recreativos etc. ficam submetidos ao desporto de elite” (Júnior, 1991, p. 20). Embora essa fase tenha contribuído para a popularização dos esportes, ela também enfrenta críticas por priorizar a competição em detrimento de outros aspectos educacionais.

A Educação Física Popular é uma resposta às críticas das fases anteriores e busca resgatar o caráter inclusivo e democrático das atividades físicas. Neste sentido, a Educação Física passa a incorporar manifestações culturais, danças folclóricas, brincadeiras e jogos tradicionais, valorizando a diversidade cultural e promovendo a inclusão. O objetivo é proporcionar a todos os estudantes a

oportunidade de vivenciar e apreciar diferentes formas de movimento, respeitando suas origens e contextos sociais.

Nesse contexto, destaca-se que os licenciados em Educação Física começaram a lecionar nos primeiros anos do ensino fundamental no Brasil, a partir da implementação de novas diretrizes educacionais nas últimas décadas. Pois, em períodos anteriores à Educação Física era uma prática associada aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio.

A inclusão da Educação Física nos primeiros anos do Ensino Fundamental se consolidou a partir da implementação da LDB⁸, que estabeleceu a obrigatoriedade da disciplina em todos os níveis de ensino básico, incluindo desta forma, o componente nos anos iniciais do ensino fundamental. Essa mudança visava garantir o desenvolvimento integral das crianças, promovendo atividades que contribuíssem para o desenvolvimento motor, cognitivo e social.

Por conseguinte, a Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010 ao qual estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, aponta diversas questões relacionadas à organização e aos conteúdos dessa etapa da educação básica. Dentre estes aspectos, no que se refere aos licenciados em Educação Física atuarem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a resolução apresenta em seu

art. 31 Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes (BRASIL, 2010, p. 9).

A partir do que é pressuposto pela legislação, cabe ao município, ou órgão mantenedor das escolas, definir quem fica responsável pela disciplina. Nesse sentido, quando questionei as professoras se essas planejam as aulas de Educação Física, seus relatos foram que

no caso eu não planejo. Mas quando eu planejo eu faço alguma coisa assim sempre que eu possa ver os movimentos deles como um todo, a caminhada, a corrida o equilíbrio, abaixar ou levantar, essa agilidade assim eu sempre gostei muito. É que eu não coloco Educação Física né. Quando eu coloco alguma prática eu procuro agregar com contagem, com alfabeto ou com sei lá, deles terem um olhar do corpo deles com o corpo do colega, não de comparação, mas de espelhamento, de desenvolvimento, eu acho que é mais ou menos isso (Professora B).

Suas ponderações revelam que embora realize atividades corporais, não as define como atividades de Educação Física, que estas são incumbências do professor dessa disciplina, mas que em sala de aula busca agregar práticas corporais com atividades de contagem ou de alfabetização.

⁸ A obrigatoriedade da Educação Física nos diferentes níveis da educação básica é mencionada no artigo 26, parágrafo 3º da referida legislação.

Ao dialogar com a Professora C se esta realiza planejamento referente a EF, sua resposta foi que “assim, eu não faço atividades de Educação Física, em si, se é isso. A Educação Física são professores a parte que dão”, em congruência com esta fala, outra professora relatou que

Eu não planejo no caso, nem no outro município, a Educação Física é com os professores especializados. Às vezes, algumas dinâmicas, mas geralmente associadas a outras coisas. Assim, como a gente tem professor de Educação Física, eu tento sempre deixar as atividades de Educação Física para ele (Professora E).

Quando questionadas se buscam articular seus planejamentos com este professor específico, completam que

Não, com o professor de Educação Física não. Ele faz o planejamento dele. [...] Mas na parte da Educação Física não, eu sempre deixei o professor a vontade (Professora C).

Não, a gente não tem aqui na escola essa troca com o professor de Educação Física. Então, se sentar com o professor de Educação Física ou com outro professor em particular, realmente, como a gente vai fazer um planejamento articulado, assim, não (Professora F).

O ano passado até eu tinha, porque eu conhecia mais o *Daniel*⁹, eu era mais próxima dele, a gente já foi colega. Agora com essa professora a gente não, te falar bem a verdade, a gente conversou bem pouco, a princípio no início a gente não... **Pergunto:** ano passado quando vocês conversavam, ele comentava o que ia fazer, o que tu precisava, ou era mais tipo... **Ela responde:** Isso, ele sempre colocava, vou fazer atividade, sei lá, ele fazia bastante circuito, então eu ficava observando as vezes, e a gente trocava uma ideia, *aquele fulano lá tem dificuldade para correr, porque é meio gordinho e tal*, daí a gente comentava nesse sentido (Professora D).

Desta forma, torna-se perceptível que na escola em que esta pesquisa foi realizada, as práticas de Educação Física, são de responsabilidade do professor licenciado em Educação Física, nos relatos apresentados nota-se um distanciamento ente os docentes de EF e as professoras referências.

Em conformidade, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental destacam a importância da formação dos professores para atuarem de forma integrada e interdisciplinar. Isso implica que os licenciados em Educação Física, ao atuarem nos Anos iniciais do Ensino Fundamental, devem contribuir não apenas com o desenvolvimento motor das crianças, mas também, em uma dimensão ampla e integral.

Embora os relatos das professoras apresentem que atualmente há um professor específico para as aulas de EF, uma das entrevistadas apontou que

Inicialmente a gente fazia as aulas mesmo, há pouco que veio o professor de Educação Física, então essa parte eu tento fazer alguma coisa, claro eu não sou nessa área professora, mas a gente faz algumas atividades meio lúdicas que dá para condizer como se fosse uma Educação Física, trabalha mais com o corpo, com a motricidade. Agora, pra mim eu vejo que tá bem bom essa questão como te falei, do professor que tá ali a frente de tudo, conhecendo também o aluno (Professora D).

⁹ Nome fictício em razão da pessoa mencionada não possuir TCLE.

Esse relato, denota uma insegurança dessa professora em ministrar as aulas de EF, embora as tenha realizado até a chegada do professor específico desta disciplina, quando comenta que realiza práticas corporais, salienta que essas atividades trabalham o corpo, mas sem retirar o espaço da EF. Embora tenha dito anteriormente que tenha tido orientações para as aulas de Educação Física no seu magistério, apresenta em sua fala que é benéfico que atualmente tenha um professor licenciado na área. Pois,

na construção social dos ofícios, reconhecidamente o profissional que deve tratar dos saberes do corpo, da práxis corporal e, mais conceitualmente falando, da cultura corporal do movimento, é o professor de Educação Física. Essa perspectiva transcende o ideário popular, sendo também reconhecida pelos próprios professores unidocentes. Além disso, estes profissionais relatam inúmeras dificuldades e um sentimento de despreparo para o desenvolvimento dos saberes da Educação Física, tema que vem sendo estudado e discutido há algum tempo por pesquisadores da área (Etchepare; Pereira; Zinn, 2003; Silva Filho; Pereira, 2012 *apud* Rodrigues; Silva; Copetti, 2018, p. 288).

Neste sentido, outra professora comenta que

Mas eu sempre tento, quando a gente vai fazer alguma atividade na rua, eu sempre tento fazer alguma brincadeira, não como uma cobrança de um esporte, porque realmente regras de esporte eu não sei trabalhar com eles, porque eu não sou formada em Educação Física (Professora E).

De acordo com Rodrigues, Silva e Copetti (2018, p. 289),

percebe-se uma fragilidade na formação inicial dos professores que atuam em classes unidocentes no contexto estudado, no que se refere à Educação Física. Os conhecimentos adquiridos por estes profissionais em sua formação para atuar com o componente curricular Educação Física são obtidos por meio de apenas uma disciplina específica, tanto na formação de nível médio ou normalista (SCHUTZ, 2011), como na formação em nível superior de Licenciatura em Pedagogia (SILVA; KRUG, 2008), o que parece ser pouco eficiente para o desempenho de um trabalho mais seguro e qualificado.

Um ponto a ser destacado referente a unidocência é a continuidade e a coerência no processo de ensino-aprendizagem, já que o professor conhece bem os alunos em razão do contato cotidiano que possui, suas necessidades e progressos. Desta maneira, pode-se adaptar as estratégias pedagógicas e a criação de um ambiente de aprendizagem mais coeso para os estudantes. No entanto,

ao professor unidocente é atribuída, ao longo das duas primeiras fases da Educação Básica, a imensa responsabilidade de conduzir todos os temas relacionados à alfabetização e, também, à construção de toda a base para formação posterior do indivíduo. Nesse cenário, a Educação Física impõe-se como mais uma área do saber a ser desenvolvida, podendo ser encarada, em alguns casos, como uma barreira a ser superada (Rodrigues; Silva; Copetti, 2018, p. 294).

Sendo assim, a unidocência também apresenta desafios, como a necessidade de o professor ser versátil e possuir propriedade de diversas disciplinas, além de demandar um planejamento e uma organização eficiente para atender todas as demandas do currículo.

4.3 AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E ALFABETIZAÇÃO

A Educação Física é um componente curricular primordial na formação integral das crianças, pois vai além da prática esportiva, abrangendo atividades que desenvolvem habilidades motoras e possibilitam a cooperação e autonomia. Desta maneira a BNCC apresenta que

a Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história (Brasil, 2018, p. 213).

Por conseguinte, apresenta que,

diante do compromisso com a formação estética, sensível e ética, a Educação Física, aliada aos demais componentes curriculares, assume compromisso claro com a qualificação para a leitura, a produção e a vivência das práticas corporais. Ao mesmo tempo, pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos, ao criar oportunidades e contextos para ler e produzir textos que focalizem as distintas experiências e vivências nas práticas corporais tematizadas. Para tanto, os professores devem buscar formas de trabalho pedagógico pautadas no diálogo, considerando a impossibilidade de ações uniformes (Brasil, 2018, p. 224).

Deste modo, conforme a legislação supracitada a Educação Física se caracteriza como um espaço para a exploração da cultura corporal e do movimento, bem como das práticas sociais e individuais, para além, deve ser aliada aos demais componentes curriculares, para que assim sejam criados ambientes e contextos que efetivem a alfabetização durante os três primeiros anos do Ensino Fundamental.

Neste sentido, para superar as barreiras existentes entre os componentes curriculares, é necessário uma articulação entre professor de Educação Física e a Professora Referência da turma, assim sendo, ao questionar se a Professora C dialogava com o professor de Educação Física referente ao planejamento, ela responde que

Não, com o professor de Educação Física não. Ele faz o planejamento dele [...] Mas na parte da Educação Física não, eu sempre deixei o professor a vontade. **Pergunto:** vocês conversam pra saber como está indo... **Ela responde:** Sim, tem professores que, *ah não quis participar, ah é muito lento pra fazer tal coisa*, que nem agora com esse menino, eu até conversei, pedi ajuda, porque o professor de Educação Física pode fazer atividades para desenvolver ele. Então nós conversamos sobre ideias, até o professor me deu ideia de trazer um teclado pra sala, pra ele movimentar os dedos, então a gente faz isso, quando tem por exemplo um aluno muito lento em sala, como ele tá lá no pátio, ele é lento também, aquele que custa pegar as coisas, lá na Educação Física ele também custa pegar as coisas, como que tá sendo. Eu sempre especulo, como é que foi aquela manhã ou aquela tarde, se eles fizeram, participaram (Professora C).

Assim sendo, a partir do relato dessa professora nota-se a importância de uma relação dialógica entre ambos os professores, para que assim, se possa discutir as dificuldades de cada estudante, pois

significa recolocar a questão das disciplinas, a relação entre elas, é pensá-la como atitude pedagógica, comprometida em superar a fragmentação do conhecimento escolar, compreendendo que só a reflexão complexa pode levar à reforma do pensamento na direção da contextualização, da articulação e da interdisciplinarização (Gadotti, 1993; Fazenda, 2011; Morin, 2005 *apud*. Mangi *et. al*, 2016, p. 134).

Tendo isto posto, é notório a importância de se construir uma relação entre os professores que atuam na turma, para que desta forma aproxime-se a alfabetização e práticas corporais, bem como, as compreensões referente a estas áreas, compreendendo as correlações existentes. Em razão disso, ao dialogar com uma das entrevistadas, referente sua formação inicial, ela relata que

quando eu fiz a minha formação, no magistério, a gente tinha a disciplina de Educação Física voltada para os alunos, então a gente sempre tinha que fazer planos de aula, inclusive no estágio era a gente que dava a Educação Física, a gente nunca teve um professor de Educação Física. Junto com a formação do magistério a gente tinha que promover as aulas de Educação Física, e eu sempre procurei atividades que pudessem trabalhar com a motricidade, tanto fina quanto ampla, porque é bastante importante na pega do lápis, no desenvolvimento de noção de espaço, de lateralidade. Com a professora de Educação Física que era a nossa, ela sempre dizia, *gurias, procurem atividades que vá trabalhar muito o corpo deles, sentido de lateralidade, de pular, de correr, de correr e saber parar*. Eu lembro que quando eu vim trabalhar aqui, as gurias diziam que *a criança que não sabe pular corda, não consegue se alfabetizar*, e eu ficava pensando *meu Deus, que relação é essa que eles fazem*, mas isso, claro que não tinha fundamento com todas as crianças, mas eu via que realmente aquelas crianças que tinham mais dificuldades, não no pular corda, mas na motricidade ampla principalmente, elas tinham mais dificuldades na questão da alfabetização. Por quê? Porque daí elas tinham mais dificuldades no escrever elas não sabiam se localizar, uma criança que a gente fazia alguma brincadeira, por exemplo, aquela do rato que vai para a toca, elas não sabiam para aonde que corriam, ficavam meio perdidos e eu via que eles também se perdiam na questão do caderno. Então eu acho que uma atividade lá no primeiro ano bem trabalhada, de corpo, de lateralidade, de noção de espaço, do espaço deles próprios de corpo, eu acho que é bem importante para a alfabetização. Então, eu sempre tento contemplar algum exercício que vá beneficiar eles também na questão dos cadernos, na questão da sala de aula. Quando eu vejo, ano passado eu pedi pro professor de Educação Física que trabalhasse com determinadas atividades, não atividades, mas que fosse trabalhar, eu tinha bastante aluno com problema de equilíbrio, eu disse, *eu preciso que tu trabalhe com eles o equilíbrio, porque eu vejo até cadeira, que eles não conseguem se equilibrar, parece que eles vão cair da cadeira* (Professora F).

A partir disto, o relato dessa professora denota a preocupação em desenvolver atividades que possam auxiliar no processo de alfabetização, pois percebe a importância da criança em compreender questões de noção espacial, de lateralidade e equilíbrio, dado que esses influenciam diretamente a criança na sua organização de espaço, caderno e escrita. Em consonância com Fernández (1991, p. 63)

o corpo também é importante quanto à transmissão das *enseñas*¹⁰. Em geral, a escola apela somente ao cérebro, crianças com os braços cruzados obrigado, atados a si mesmos. Essa era a proposta: amarrar-se o corpo para deixar apenas o cérebro em funcionamento, desconhecendo e expulsando o corpo é ação da pedagogia. Ainda hoje encontramos crianças que estão atadas aos bancos, a quem não se permite expandir-se, provar-se, incluir todos os aspectos corporais nas novas aprendizagens.

Em congruência com a fala da Professora F, ao questionar as outras entrevistadas como compreendem a importância da Educação Física no processo de alfabetização, estas responderam que

tem que ter, porque eu penso assim, se a criança não pula corda ela tem dificuldade na alfabetização, eu já vi, se a criança não sabe dar o pulo. O movimento que tu faz com o braço, tá movimentando, pega, pinça, tudo isso... pra gente parece que não tá pegando, mas muda. A Educação Física é muito importante, a criança só vai sair lendo se tem controle do corpo (Professora A).

Na verdade, tudo tá interligado, é interdisciplinar porque é o desenvolvimento é todo, a gente não desenvolve só o corpo, a gente desenvolve mente e corpo junto, uma coisa tem que tá bem entrelaçada com a outra, e quando eles não desenvolvem muito bem a questão corporal o cognitivo pode algumas vezes atrasar um pouquinho. Então, eu acho que um conjunto que tem que andar em sincronia, os dois juntos, porque a questão do pular, abaixar, do engatinhar, deles entenderem o corpo deles, o espaço que eles têm do corpo deles, pra eles se situarem numa folha, numa escrita, no tamanho da letra, o segurar do lápis tudo é um conjunto, claro que às vezes tá mais desenvolvida que as outras, mas tem que andar meio parêlo entre um outro e outro (Professora B).

Em conformidade com as falas das entrevistadas, Malcheski (2021, p. 12) aponta que

há muito por trás da alfabetização, é necessário ressaltar que a leitura e a escrita são essencialmente um meio de comunicação e expressão pessoal. Para Le Boulch (1983, p.31), não se concebe a leitura, se o indivíduo não tem uma percepção e organização do próprio corpo. O mesmo acontece com a escrita, que além do conhecimento do próprio corpo necessita também da coordenação motora dos dedos, ritmos do traçado, velocidade, equilíbrio, posicionamento dos braços, controle muscular, além da atenção e concentração.

Como salientado, a alfabetização é para além da simples codificação e decodificação dos símbolos que conhecemos e utilizamos, para esta aquisição é necessário que as crianças consigam se organizar enquanto organismo e corpo, para que posteriormente possam assimilar as novas aprendizagens, neste sentido, as habilidades necessárias para se alfabetizar. Bem como, salientado anteriormente pelas professoras, ao realizar o mesmo questionamento com a Professora C, essa ponderou que

eu acho muito importante, porque assim, a Educação Física a gente trata os movimentos, tu pega mais pra motricidade ampla, mas não, o escrever, se tu não tiver uma motricidade fina bem trabalhada, um movimento de pinça, tu não vai ter a habilidade de pinça, tu não vai ter a habilidade da escrita, tu não vai fazer as letras no traçado certo. A lateralidade, se tu não trabalhar a lateralidade do teu corpo, se tu não trabalhar teu corpo primeiro, tu não vai conseguir te organizar em um caderno, se tu não ter a noção do equilíbrio, tu não vai

¹⁰ De acordo com a nota do revisor: “em espanhol, o radical “ensen” é o mesmo para a palavra ensinar e para a palavra insígnia (emblema, bandeira), podendo assim ser realizado um jogo de palavras” (1991, p. 51).

conseguir escrever em cima da linha, e aí a gente pega do amplo e vai para o mínimo, porque o teu corpo, olha só o que eu tô pensando, o teu corpo andando em cima de uma linha e ao mesmo tempo eu tô te dizendo que se tu não trabalhar isso a criança não vai saber andar na linha do caderno, não vai saber se organizar. Essa compreensão, porque a gente pega assim, um aluno, ele é autista, na verdade não tá comprovado, mas é visível, essa semana acho que já mandam o laudo dele, não foi trabalhado nele a motricidade fina, ele não sabe pegar o lápis, ele não escreve, porém, ele sabe ler, ele soletra letra por letra, as atividades dele eu faço tudo oralmente, mas eu vejo assim, se tivesse sido trabalhado com ele anteriormente, a questão do corpo dele. A mesma coisa eu sempre digo pros meus alunos, enquanto vocês não conseguirem se organizar, o corpo de vocês, tu não vai conseguir se no organizar no caderno. Se tu não sabe que a tua cadeira é pra sentar e tu fazer tuas coisas ali, tu não vai conseguir te organizar no caderno, primeiro tu tem que ter a organização do teu corpo. Então a gente repara assim, a Educação Física, em outros olhares não tem importância nenhuma, tem, os movimentos de Educação Física começam lá quando tu é bebê, os primeiros movimentos que tu faz. **Comento:** tu vê, quando pensa nas aulas de práticas corporais, uma coisa é fazer a atividade lá no pátio e outra coisa é a sala, parece que quando tu fala em alfabetizar, o importante é a criança conseguir escrever, e parece que o pensamento de como ela faz todo esse processo, de pegar o lápis. Se a gente não para e reflete sobre, com um olhar mais crítico, claro que a criança tem que escrever, mas pensa o quão complexo é para a criança que saiu do pré e precisa escrever naquela folha. **Ela complementa:** Ou pensa, uma sala de pré e caiu dentro de uma sala de primeiro ano, em que as cadeiras são colocadas uma atrás da outra, que tu não pode mais ficar caminhando na sala como tu caminhava antes. E quando tu chega numa sala de primeiro ano tu desenvolve várias coisas ao mesmo tempo, e tu tem que desenvolver. Eu já trabalhei em primeiro ano e tu não chega primeiro alfabetizando, tu chega primeiro organizando a criança, a criança tem que saber que ela tem que ter organização do material dela, ela tem que ter organização do corpo dela no lugar dela, porque se tu não fazer isso antes, tu não vai alfabetizar (Professora C).

Em razão disso,

Tisi (2004, p.18), apresenta que é dever dos educadores mostrar os benefícios que a Educação Física pode efetuar em todas as áreas; pois “a criança terá dificuldades em seu desenvolvimento, seja na escrita, no relacionamento ou na sociabilidade, se não descobrir sua lateralidade, sua noção funcional de espaço, aquisição motora e construir uma imagem do corpo operatório”. Assim como dominar as dimensões espaço temporal e histórico social do corpo, como evidência. A Educação Física, como deveriam ser todas as outras disciplinas, não deve se preocupar em apenas trabalhar conteúdos desconexos, mas sim pensar o indivíduo como um todo, e planejar atividades que valorizem a cultura que as crianças possuem, cujo objetivo seja o desenvolvimento integral (Malcheski, 2021, p. 14).

A vista disso, é necessário compreender que “não há aprendizagem que não esteja registrada no corpo” (Fernández, 1991, p. 60), mesmo quando se discute referente à alfabetização. Embora o foco seja o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, é essencial reconhecer que o corpo está intrinsecamente envolvido integralmente no processo. Desde os movimentos necessários para segurar um lápis, até as expressões faciais, que acompanham a compreensão de um texto, nosso corpo é tanto meio quanto resultado da aprendizagem, influenciando diretamente a forma como os estudantes participam e assimilam novos conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo compreender de que forma a Educação Física se aproxima da Alfabetização em uma escola no município de Osório, assim como explorou, analisou e refletiu referente as concepções que permeiam a prática docente das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O estudo transcorreu-se utilizando como metodologia qualitativa, descritiva e exploratória, a partir de uma entrevista semiestruturada realizada com seis professoras alfabetizadoras. A análise reflexiva se deu com base nas narrativas presentes, assim como as inter-relações estabelecidas com as categorias de análise, utilizando para isso, a análise reflexiva, ao qual relaciona seus relatos a períodos históricos e concepções sociais.

A partir disso, em cada uma das categorias de análise ponderou-se referente as concepções permeadas nas narrativas, assim evidenciou-se que a educação sendo uma prática social e política, é permeada por diferentes concepções teóricas e filosóficas que atravessam as políticas educacionais e as práticas pedagógicas, pois são resultados de uma construção social. Em virtude disso, nota-se nos relatos das professoras as diferenças geracionais e expectativas criadas com base em vivências anteriores, entretanto, denota-se uma importância das crianças organizarem seus espaços e corpos, para que subsequente, possam se organizar em espaços menores para a escrita, como seus cadernos, evidenciando o quanto é necessário o domínio do corpo para a aquisição e formulação das habilidades de escrita e leitura.

Em relação à Educação Física é notório a importância que ela desempenha na formação crítica dos estudantes, pois, possibilita o protagonismo deles quando suas práticas são vinculadas a sua cultura, corpo e movimento. As narrativas das professoras, ao qual esta pesquisa analisou, revelaram que na escola em questão, as práticas de Educação Física são de responsabilidade de professores licenciados na área, ainda se nota um distanciamento entre as práticas dos docentes de EF e às das professoras referência. Bem como, um sentimento de despreparo das professoras referências para realizarem atividades intituladas como das áreas da Educação Física, compreendendo assim, que a unicodência apresenta-se como um desafio, em razão do professor necessitar dominar os diversos componentes curriculares.

Conforme salientado, a Educação Física se constitui como um componente curricular primordial para a formação integral das crianças, pois transcende as práticas esportivas, atuando de

forma integral no desenvolvimento das mesmas. Em razão disso, ao pensar nas práticas de alfabetização é necessário considerar que “a aprendizagem passa pelo corpo” (Fernández, 1991, p. 59), ao refletir sobre isso, compreende-se que o corpo permeia o processo de assimilação das habilidades de leitura e escrita.

Ademais, é indispensável que os professores analisem criticamente sua prática pedagógica e, ocasionalmente, adaptem suas metodologias buscando atender às dificuldades existentes no processo. Isso posto, como futura docente, compreendo que a Educação Física e a Alfabetização são áreas interdependentes e complementares para o processo educativo. A Educação Física ao possibilitar atividades que visem o domínio do corpo e suas habilidades, auxilia no desenvolvimento das competências necessárias para a leitura e escrita, evidenciando assim, que a Alfabetização não é simplesmente um processo cognitivo, mas também corporal e social. Deste modo, é imprescindível que os docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental integrem práticas de Educação Física em seus planejamentos, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento integral das crianças e, conseqüentemente, para o sucesso no processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Marcelo Moreira; MENDONÇA, Samuel; SILVA, Andrea Oliveira; PINTO, Eliane de Melo Miranda. **O trabalho com as estruturas psicomotoras nas aulas de educação física e suas contribuições para a alfabetização: a percepção de professores.** Revista Intersaberes, v. 10, n. 19, p. 72–82, 2015. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/762>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- ASSIS, Amanda Dória de; TAVARES, Natacha da Silva; WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. **“Que Lindo, Já Está Silábico!”: problematizando a Educação Física no Ciclo Alfabetizador.** In: Anais do XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2021. Disponível em: <https://public.cbce.org.br/uploads/624f955d07143Anais%20XXII%20Conbrace.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- BARROS, Patrícia Marcondes de. **Os conflitos geracionais e os desafios contemporâneos na formação docente no Brasil.** In: Educacion Y Aprendizaje - XXII Congresso Internacional de Educacion Y Aprendizaje, 2015, Madrid. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20OPRATICAS/OS%20CONFLITOS%20GERACIONAIS%20E%20OS%20DESAFIOS%20CONTEMPORANEOS%20NA%20FORMACAO%20DOCENTE%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 15 dez. 2010.
- CARVALHO, Adenivan Mendes Carvalho; PANDORF, Analu; SILVA, Cassilda Nunes Dutra da; GLERIA, Erico; RAMOS, Thaís Valim. **Paradoxos na docência contemporânea.** Caderno de Pós-Graduação em Letras, v. 9, n. 1, 2009. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Feditorarevistas.mackenzie.br%2Findex.php%2Fcpgl%2Farticle%2Fdownload%2F9693%2F5983&psig=AOvVaw3aKW-95zJbryHp_ZgfGWpa&ust=1719546029573000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CAYQrpoMahcKEwiQiv-j7vqGAXUAAAAHQAAAAAQBA. Acesso em: 01 jun. 2024.
- CHISTÉ, Priscila de Souza; SGARBI, Antonio Donizetti. **Cidade educativa: reflexões sobre educação, cidadania, escola e formação humana.** Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica, ISSN 2236-2150 – V. 05, N. 04, p. 84-114, Dezembro, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.36524/dect.v5i04.134>. Acesso em: 17 jul. 2024.

COSTA, José Junio Souza da. **A educação segundo Paulo Freire: uma primeira análise filosófica.** Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia, Faculdade Católica de Pouso Alegre, Volume VII, n. 18, p. 72-88, 2015. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao18/06182015RT.pdf> . Acesso em: 29 mai. 2024.

COSTA, Catia Silvana; MONTEIRO, Maria Iolanda. **A Educação Física e as possíveis interdisciplinaridades nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.** HOLOS, Ano 35, v.6, 2019. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5539/pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024

FERNANDÉZ, Alicia. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre: Artmed, 1991.

GALVÃO, Andréa; LEAL, Telma Ferraz. **Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as).** Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Artur Gomes Morais, Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal (Org.), p. 11-28. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUINHO, Deise Lisbos; SANTOS, Daniel Labernarde. Estrutura do Projeto de Pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** 1º edição. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 65-88. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jul. 2024.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira.** São Paulo: Loyola, 1988.

MALCHESKI, Raquel de Fátima Boza dos Santos. **A Educação Física no processo de Alfabetização de estudantes do Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental.** Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista, v.20, n.03, p.7 – 16, 2021. Disponível em: <https://fontouraeditora.com.br/periodico/public/storage/articles/be491adc65dc883a13dbad2f66c6a025.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MANGI, Ana Cristina Calábria.; MONTEIRO, Renata Vieira; FREIRE, Sandra Rosa; SILVA, Yvone de Lima e. **Educação Física e Alfabetização: Operacionalização de Atividades Interdisciplinares.** Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016, p. 130-144.

MENEGON, Rodrigo Rodrigues; LIMA, Márcia Regina Canhoto de; LIMA, José Milton; MENOTI, Joyce Cristina Claro. **Educação Física e Alfabetização: em busca de interlocução.** Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 12, n. 4, p.130-138, out/dez, 2015. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1451/1508>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MINAYO, Maria Cecília De Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf. Acesso em: 9 jul. 2024.

MOREIRA, Wagner Wey; CHAVES, Aline Dessupoio; SIMOES, Regina Maria Rovigati. **Corporeidade: uma base epistemológica para a ação da Educação Física.** Motrivivência v. 29, n. 50, p. 202-212, maio, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/2175-8042.2017v29n50p202/34007/168409> Acesso em: 13 jan. 2024.

NEVES, Rita de Araújo; DAMIANI, Magda Floriano. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem**. UNirevista: Vol. 1, n° 2 , abril 2006. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/5857/?sequence=1>. Acesso em: 17 jul. 2024.

PAIVA, José Jaires de; LUCENA, Dr. Everaldo Araújo de. **Dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais na leitura e na escrita: dislexia e disgrafia**. REDES-Revista Educacional da Sucesso, v. 1, n.1, 2021. Disponível em: <https://facsu.edu.br/revista/wp-content/uploads/2021/06/13.pdf> Acesso em: 17 jul. 2024.

RODRIGUES, Thiago Francisco; SILVA, Carlos Eduardo Izaguirre da; COPETTI, Jaqueline. **Percepções de Unidocentes sobre a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Contexto & Educação. Editora Unijuí, Ano 33, n. 106, p. 287 – 301, Set./Dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2018.106.287-301>. Acesso em: 10 jul. 2024

OSÓRIO. Secretaria Municipal de Educação. Departamento Pedagógico. **Documento Curricular do Município de Osório: Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1º Ano) / Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico**. Osório: Secretaria Municipal de Educação, 2019.

OSÓRIO, ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MAJOR ANTÔNIO DE ALENCAR. (2020) **Projeto Político Pedagógico**. Osório: Prefeitura Municipal de Osório; Secretaria Municipal de Educação.

OSÓRIO. **Regimento Escolar do Ensino Fundamental: Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Antônio de Alencar (2023)**. Osório: Prefeitura Municipal de Osório; Secretaria Municipal de Educação.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 09 jul. 2024.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 09 jul. 2024.

VINOTTI, Tiago Contesini. **Professores De Educação Física E Professores Alfabetizadores: entre diálogos e saberes'** 31/05/2011 112 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, Blumenau Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária, Professor Martinho C. da Veiga. Disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/DS/2011/347512_1_1.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

APÊNDICE A – GUIA DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Questões:

1. Por que você decidiu tornar-se professora?
2. Conte um pouco mais sobre sua trajetória formativa. Onde fez sua formação inicial?

Quais as maiores dificuldades?

3. Como foi a sua formação no que se relaciona a alfabetização?
4. Quando iniciou a lecionar na alfabetização, sentiu quais dificuldades? A Formação inicial foi o suficiente para preparar para a atuação em sala de aula?
5. Durante sua formação, como foi a sua “preparação” para as aulas de educação física?
6. Como você compreende a importância das aulas de educação física no processo de alfabetização?
7. De que forma você planeja as aulas de educação física?
8. Quais são as maiores dificuldades na efetivação das aulas de educação física no seu dia a dia em sala de aula?
9. Quando você realiza seu planejamento, busca articular com os demais professores que atuam na turma? Em especial com o docente de educação física?
10. Como é ser alfabetizadora nos dias atuais? Maiores dificuldades (pressão?)

Recompensas?

11. Tem algo que gostaria de relatar e que não foi perguntado, a respeito da alfabetização e da educação física?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

PROFESSORA C

Turma: 2º ano

1. Por que você decidiu tornar-se professora?

Porque na verdade, desde criança eu me lembro eu pequena e as minhas brincadeiras era de professora. Eu pegava as bonecas e botava todas sentadas e eu ensinava as bonecas, e na verdade vem, e depois eu cresci, e de vez em quando aparecia alguém que não sabia alguma coisa, me procurava pra mim explicar, então eu decidi ser professora por ser uma coisa que me acompanhava desde criança lá nas brincadeiras.

Pergunto: tinha alguém na família que era?

Não, ninguém e eu também não tinha incentivo porque meus pais nunca foram aquelas pessoas assim, de acompanhar os meus estudos, nem nada, era muito por conta.

2. Conte um pouco mais sobre sua trajetória formativa. Onde fez sua formação inicial? Quais as maiores dificuldades?

Eu comecei, na verdade o meu magistério eu fiz no Marquês, foi ali que eu comecei, depois eu me inscrevi na faculdade a distância, eu fiz dois semestres e não gostei porque parecia que a distância eu não aprendia, era só uma coisa assim, muita teoria, uma coisa muito robótica, aí eu vi o que que eu iria aprender? Eu não iria aprender nada. Aí eu consegui na Uergs, acabei me formando na pedagogia na Uergs aqui em Osório.

3. Como foi a sua formação no que se relaciona a alfabetização?

As didáticas assim, como que eu vou te dizer, na teoria é uma coisa e na prática é outra e tu tem que querer. E as vezes eu vejo que não é só a pedagogia que é necessária, tu tem que ter o magistério também, que é o magistério que vai te contribuir pra, ele te contribui mais nas atividades que tu vai fazer, tu vai para a prática.

Na pedagogia tu faz a tua prática só nos estágios, e no magistério não, é confecção de muito jogo, então o que te dá, o que te mostra pra que lado seguir assim mais, o que te dá aquela vontade é o magistério, que te aproxima mais, a pedagogia consegue te aproximar somente nos estágios, que são estágios curtos, são estágios de 15 dias, são estágios muito curtos. Então eu vejo, que é o magistério que te dá mesmo a prática.

4. Quando iniciou a lecionar na alfabetização, sentiu quais dificuldades? A Formação inicial foi o suficiente para preparar para a atuação em sala de aula?

Não, não. Tanto é que assim, tu tem que trabalhar com a fonética, com os fonemas, eu não tinha noção, eu tive que fazer cursos fora e assistir muitos vídeos. Quando eu comecei, daí no fundamental, eu comecei com primeiro ano, então eu pesquisei antes de entrar na sala, quando me disseram *vai ser um primeiro ano*, eu tive três dias, que eu vivi três dias, escutando muitos vídeos, olhando muita coisa mesmo, eu fiz até um curso, um curso rápido, porque não, não foi a faculdade que me deu isso, também não foi o magistério, a questão dos fonemas, porque não tem como tu alfabetizar sem tu saber, conhecer os fonemas.

Eu vejo assim hoje, tu tem que ter muita força de vontade, é que nem uma habilitação na autoescola vamos supor, tu aprende o básico ali, mas quando tu ta na rua, tu até te perde, porque tu vê que aquilo ali não foi o suficiente para ti, e não é o suficiente! Só que isso também não é o suficiente pra minha vida toda como profissional, eu tô sempre buscando, tô sempre me aperfeiçoando, tô sempre procurando outras coisas.

Esse ano eu tô com um segundo ano, eu não consigo mais ter um Instagram de uma vida, vamos supor, fora da alfabetização, eu tô sempre procurando uma atividade diferente, uma dinâmica diferente, porque eu acredito alfabetização é isso, entendeu?

Se eles não souberem, não conhecerem a letra somente pelo nome, mas eles não sabem que sonzinho ta saindo da boca deles, eles não vão conseguir escrever espontaneamente e corretamente.

5. Durante sua formação, como foi a sua “preparação” para as aulas de educação física?

Eu tive formação com o professor *Leandro* também né, e uma coisa eu nunca me esqueço, uma coisa que eu gravo do *Leandro*, *o que é que é o lúdico pra ti?* Uma coisa que é lúdica pra ti, não é lúdica pra mim. Então nem sempre aquela coisa que eu vou achar que vai ser lúdica, vai ser lúdica pra todos, só que não vem, a questão é que o corpo está sempre em movimento, então mesmo, muitas vezes tu achando *ah essa atividade não tem nada haver com Educação Física*, a partir do momento que tu mexeu teu corpo, tu tá praticando uma atividade física.

Então a gente vê o quanto é importante sim, porque a gente é um corpo em movimento, todo mundo é um corpo em movimento.

6. Como você compreende a importância das aulas de educação física no processo de alfabetização?

Eu acho muito importante, porque assim, a Educação Física a gente trata os movimentos, tu pega mais pra motricidade ampla, mas não, o escrever, se tu não tiver uma motricidade fina bem trabalhada, um movimento de pinça, tu não vai ter a habilidade de pinça, tu não vai ter a habilidade da escrita, tu não vai fazer as letras no traçado certo.

A lateralidade, se tu não trabalhar a lateralidade do teu corpo, se tu não trabalhar teu corpo primeiro, tu não vai conseguir te organizar em um caderno, se tu não ter a noção do equilíbrio, tu não vai conseguir escrever em cima da linha, e aí a gente pega do amplo e vai para o mínimo, porque o teu corpo, olha só o que eu tô pensando, o teu corpo andando em cima de uma linha e ao mesmo tempo eu tô te dizendo que se tu não trabalhar isso a criança não vai saber andar na linha do caderno, não vai saber se organizar.

Comento: é difícil ter várias pessoas que pensam isso, ter essa compreensão...

Essa compreensão, porque a gente pega assim, um aluno, ele é autista, na verdade não tá comprovado, mas é visível, essa semana acho que já mandam o laudo dele, não foi trabalhado nele a motricidade fina, ele não sabe pegar o lápis, ele não escreve, porém, ele sabe ler, ele soletra letra por letra, as atividades dele eu faço tudo oralmente, mas eu vejo assim, se tivesse sido trabalhado com ele anteriormente, a questão do corpo dele.

Ele talvez iria conseguir fazer a escrita

Eu conseguir fazer a escrita. Não digo que ele ia fazer a escrita mínima do caderno, porque pensa bem, até a criança chegar a ocupar uma linha do caderno. Tu começa por um espaço amplo, tu começa trabalhando o chão, uma quadra, um giz, uma escrita, tu começa o desenho numa folha ampla, tu não vai dar um desenho numa folha pequena né, e de repente eles vão pro primeiro ano e eles tem que fazer tudo dentro de uma linha, é um salto muito brusco.

A mesma coisa eu sempre digo pros meus alunos, enquanto vocês não conseguirem se organizar, o corpo de vocês, tu não vai conseguir se no organizar no caderno. Se tu não sabe que a tua cadeira é pra sentar e tu fazer tuas coisas ali, tu não vai conseguir te organizar no caderno, primeiro tu tem que ter a organização do teu corpo.

Então a gente repara assim, a Educação Física, em outros olhares não tem importância nenhuma, tem, os movimentos de Educação Física começam lá quando tu é bebê, os primeiros movimentos que tu faz.

Comento: tu vê, quando pensa nas aulas de práticas corporais, uma coisa é fazer a atividade lá no pátio e outra coisa é a sala, parece que quando tu fala em alfabetizar, o importante é a criança conseguir escrever, e parece que o pensamento de como ela faz todo esse processo, de pegar o lápis. Se a gente não para e reflete sobre, com um mais crítico, claro que a criança tem que escrever, mas pensa o quão complexo é para a criança que saiu do pré e precisa escrever naquela folha.

Ou pensa, uma sala de pré e caiu dentro de uma sala de primeiro ano, em que as cadeiras são colocadas uma atrás da outra, que tu não pode mais ficar caminhando na sala como tu caminhava antes. E quando tu chega numa sala de primeiro ano tu desenvolve várias coisas ao mesmo tempo, e tu tem que desenvolver. Eu já trabalhei em primeiro ano e tu não chega primeiro alfabetizando, tu chega primeiro organizando a criança, a criança tem que saber que ela tem que ter organização do material dela, ela tem que ter organização do corpo dela no lugar dela, porque se tu não fazer isso antes, tu não vai alfabetizar.

E tu não aprende isso na faculdade, tu vai aprender isso no teu dia a dia, quando eu cheguei na primeira escola, que disseram *é isso aqui, aquilo ali, aquilo outro*, tava em mudança da BNCC naquela época, porque a gente tava começando a trabalhar com a BNCC, mas ela tava no auge, não tinha nada certo, só se ouvia falar muito, ninguém compreendia direito o que era BNCC e tu tem que ter um olhar crítico e tu tem que saber que tem que procurar, tem que ficar ali, não é isso, tem que fazer uma crítica a si mesmo, será que tenho que melhorar tal coisa, se não tu não vai conseguir.

Hoje em dia é completamente diferente, todo ano tu tem que mudar tua metodologia, eu quando peguei uma turma de segundo ano, ano passado, veio pra mim que a turma não copiava nada, e eu tive que mudar a minha metodologia, eu ensinava eles, até a metade do ano com dinâmicas, poucas coisa a gente escrevia no papel, porque se a gente fosse escrever eu não tinha nada deles e perdia muito tempo naquilo ali, e eles não aprendiam. Então fazendo uma dinâmica, uma brincadeira, olhando um vídeo, ou conversa, numa troca, eu tinha mais respostas das aprendizagens, do que eles sentados, simplesmente copiando.

Então assim, tudo muda, não adianta aquela coisa da educação mecânica, da aprendizagem mecânica, *ah vamos copiar do quadro*, não é errado copiar do quadro, tem que ter, até porque eles também têm que aprender a se organizar, só que não vai funcionar mais, as nossas crianças não tão mais para serem copias, eles não são robôs, eles não sentam uma tarde toda na cadeira fazendo o que tu manda, não tem mais isso.

Só que pelo olhar crítico de quem ta de fora, *ah aquela turma é um tormento, é uma turma agitada*, mas vamos parar pra pensar que tudo mudou socialmente, e essas são as nossas crianças do futuro, são as crianças de hoje e eles aprenderam a se comportar assim, e quem é que tem que mudar? A dinâmica do professor! E o que que tu tá conseguindo daquela turma, tu tá conseguindo avançar com aquela turma, ela tá conseguindo aprender, daquele jeitinho deles, cada um fazendo do seu jeito, dando a sua opinião, tu não tá criando um cidadão crítico, ajudando ele a pensar, será que tá certo, será que tá errado, tu agiria assim, e é um trabalho que tu vai assim aos pouquinhos.

Eu peguei agora, é uma turma agitada, é o perfil da turma, eu não vou conseguir organizar eles em quinze dias, esquece isso, é um trabalho de formiguinha, mas eu não posso simplesmente

barrar eles, eles querem dar a opinião, eu vou trancar, não, eu não posso barrar. Ir ali, encher um quadro e dizer, *agora todo mundo vai copiar aqui e deu, vai fazer assim e assado, do jeito que eu quero*, não dá mais.

7. De que forma você planeja as aulas de educação física?

Assim, eu não faço atividades de Educação Física, em si, se é isso. A Educação Física são professores a parte que dão, mas todos os dias têm dinâmica na minha turma, e qual que é a dinâmica?

A criança vai a frente, a criança apaga uma palavra, a criança se movimenta, ou a gente vai fazer a cena de alguma coisa, ou a gente vai dramatizar alguma coisa, ou a gente vai dançar uma música, sempre vai ter alguma coisa. Vamos aprender os números, com o próprio corpo humano, com pessoas, ao invés de estar usando material de contagem. Então a minha parte de trabalhar o corpo delas, é essa.

8. Quais são as maiores dificuldades na efetivação das aulas de educação física no seu dia a dia em sala de aula?

É que assim, eu trabalho isso todos os dias, e é como eu digo, nas minhas aulas, nenhum dia é igual ao outro, eu tô sempre criando alguma coisa diferente. Claro que quando tu cria alguma coisa diferente, tu inventa moda, tu tá sabendo que tu vai sair com dor de cabeça. Mas tu tem que pensar que tu tem que proporcionar isso às crianças, não é privar as crianças disso, porque tu não te sente bem.

9. Quando você realiza seu planejamento, busca articular com os demais professores que atuam na turma? Em especial com o docente de educação física?

Não, com o professor de Educação Física não. Ele faz o planejamento dele, eu converso com os professores itinerantes pra saber assim, *eles tão em tal coisa, quem sabe tenta trabalhar isso*, não adianta chegar ali agora, e a criança que não sabe ler uma palavra e elas quererem que ela produza um texto, ou que escreva uma frase, não dá, então as vezes eu dou uma alertada.

Mas na parte da Educação Física não, eu sempre deixei o professor a vontade.

Pergunto: vocês conversam pra saber como ta indo...

Sim, tem professores que, *ah não quis participar, ah é muito lento pra fazer tal coisa*, que nem agora com esse menino, eu até conversei, pedi ajuda, porque o professor de Educação Física pode fazer atividades para desenvolver ele. Então nós conversamos sobre ideias, até o professor me deu ideia de trazer um teclado pra sala, pra ele movimentar os dedos, então a gente faz isso, quando tem por exemplo um aluno muito lento em sala, como ele tá lá no pátio, ele é lento também, aquele

que custa pegar as coisas, lá na educação física ele também custa pegar as coisas, como que tá sendo. Eu sempre espelho, como é que foi aquela manhã ou aquela tarde, se eles fizeram, participaram.

**10. Como é ser alfabetizadora nos dias atuais? Maiores dificuldades (pressão?)
Recompensas?**

É bem desafiador, não vou dizer que é fácil porque não é. Eu sinto, que a minha maior dificuldade é o dia que eu vou pegar os fonemas, de A a Z, eu saio daqui rouca, mas porque, as crianças prestam atenção a tudo que está ao redor, tu está ensinando a letra elas tão prestando atenção umas nas outras, elas tão prestando atenção na rua, elas tão ali conversando e tu tá ali forçando a tua garganta, tu tá forçando as tuas cordas vocais, e parece que eles não tão conseguindo pegar aquilo ali, porque eles estão dispersos com outras coisas, mas na verdade, lá no final, quando a gente vai ver, eles tem mais facilidade pra pegar as coisas, eles conseguem ter o foco deles em três, quatro coisas ao mesmo tempo. Só que a gente quer que nessa hora eles estejam prestando atenção pra boca da gente quando abre, o que que movimenta, e aí parece que eles não tão dando essa resposta. Pra mim esse é o maior desafio, porque é um dia que eu saio bem cansada daqui.

Mas eu vejo que é isso, assim como eu te dei o desafio eu já te disse o que que é. Mas é assim, e daí, a gente vai fazer o que, o importante é que eles tenham aquilo ali, não é o deixar de fazer porque tu não tá, de repente tu tá fazendo mal pra tua garganta, mas não é deixar de fazer, porque tu tem que proporcionar aquilo ali para eles, se eu não proporcionar, eles dificilmente vão tem a vivência.

11. Tem algo que gostaria de relatar e que não foi perguntado, a respeito da alfabetização e da educação física?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Através deste, você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, confirme sua participação. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: Práticas Corporais e Alfabetização

Graduanda responsável: Brenda Ferraz Vitkoski

Telefone de contato: 3663-9455

E-mail: brenda-vitkoski@uergs.edu.br

Orientador: Leandro Forell

E-mail: leandro-forell@uergs.edu.br

- O objetivo da pesquisa é “compreender como a educação física se aproxima da alfabetização em uma escola no município de Osório”.
- A participação na pesquisa não o(a) expõe a nenhum tipo de risco e/ou prejuízo.
- A entrevista será marcada com antecedência e acontecerá de forma presencial em um local a ser combinado. Ainda, será possível a desistência a qualquer momento sem prejuízo algum. Será realizada gravação de áudio, porém, essas gravações não serão disponibilizadas ficando sob a guarda da graduanda, e sendo inutilizadas ao final da aprovação da transcrição.
- A participação constituir-se-á de uma ou mais entrevistas que serão transcritas e posteriormente devolvidas para que você possa retirar, acrescentar ou trocar qualquer uma de suas falas.
- Garantimos o segredo de todas as informações fornecidas e asseguramos que as mesmas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos. Você também tem a garantia de tirar o consentimento a qualquer momento.
- Sob riscos e benefícios.
- Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, contatar a graduanda e/ou orientador através dos e-mails listados acima.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO COLABORADOR:

Nome: _____

RG: _____

Data: _____

Assinatura: _____